

José Ortigueira

SONETOS

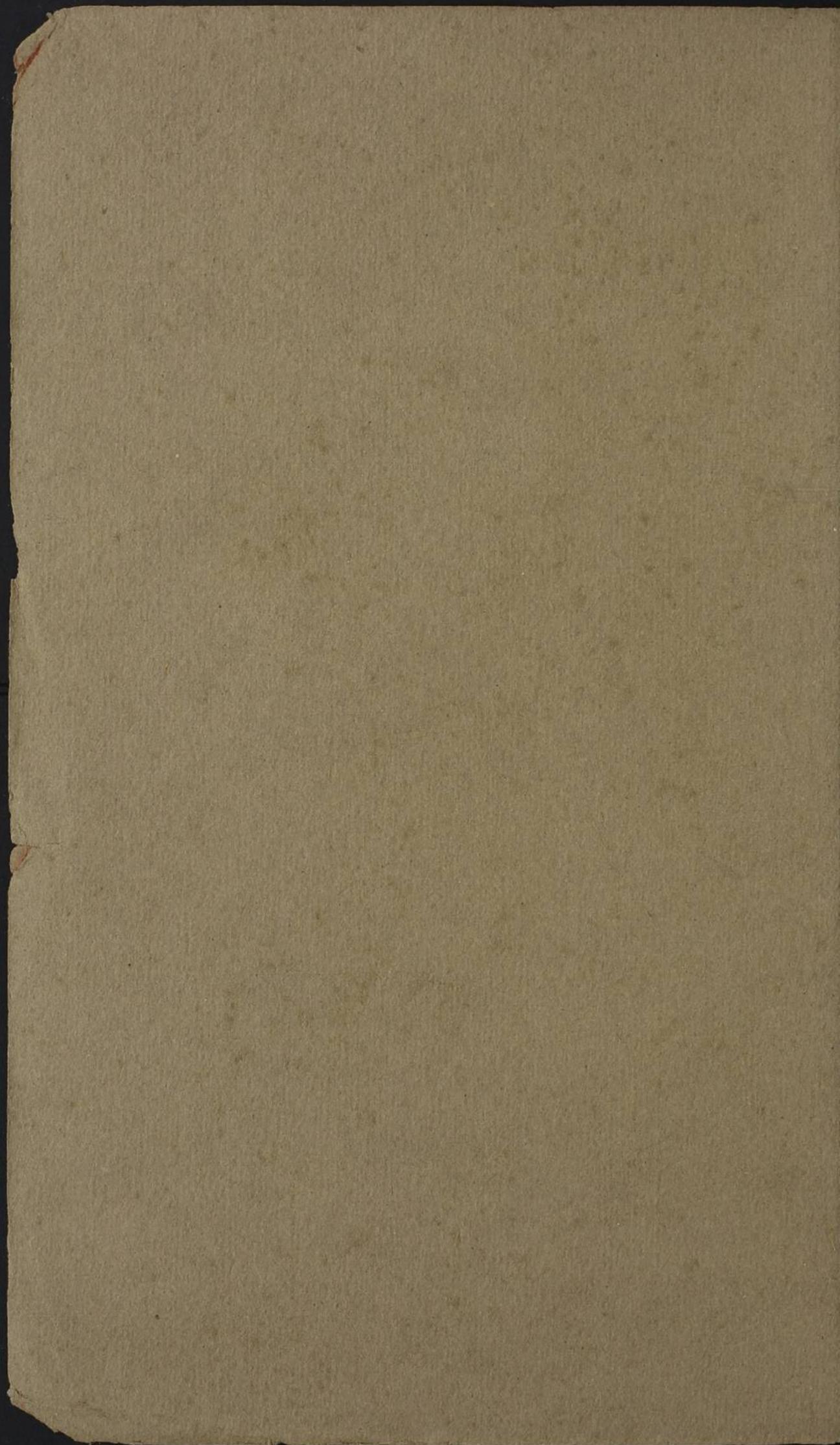
(2.^a SÉRIE)

1911-1918

1919

LINOTYPIA DA CASA RAMALHO

MACÉIÓ



José Otiveira

SONETOS

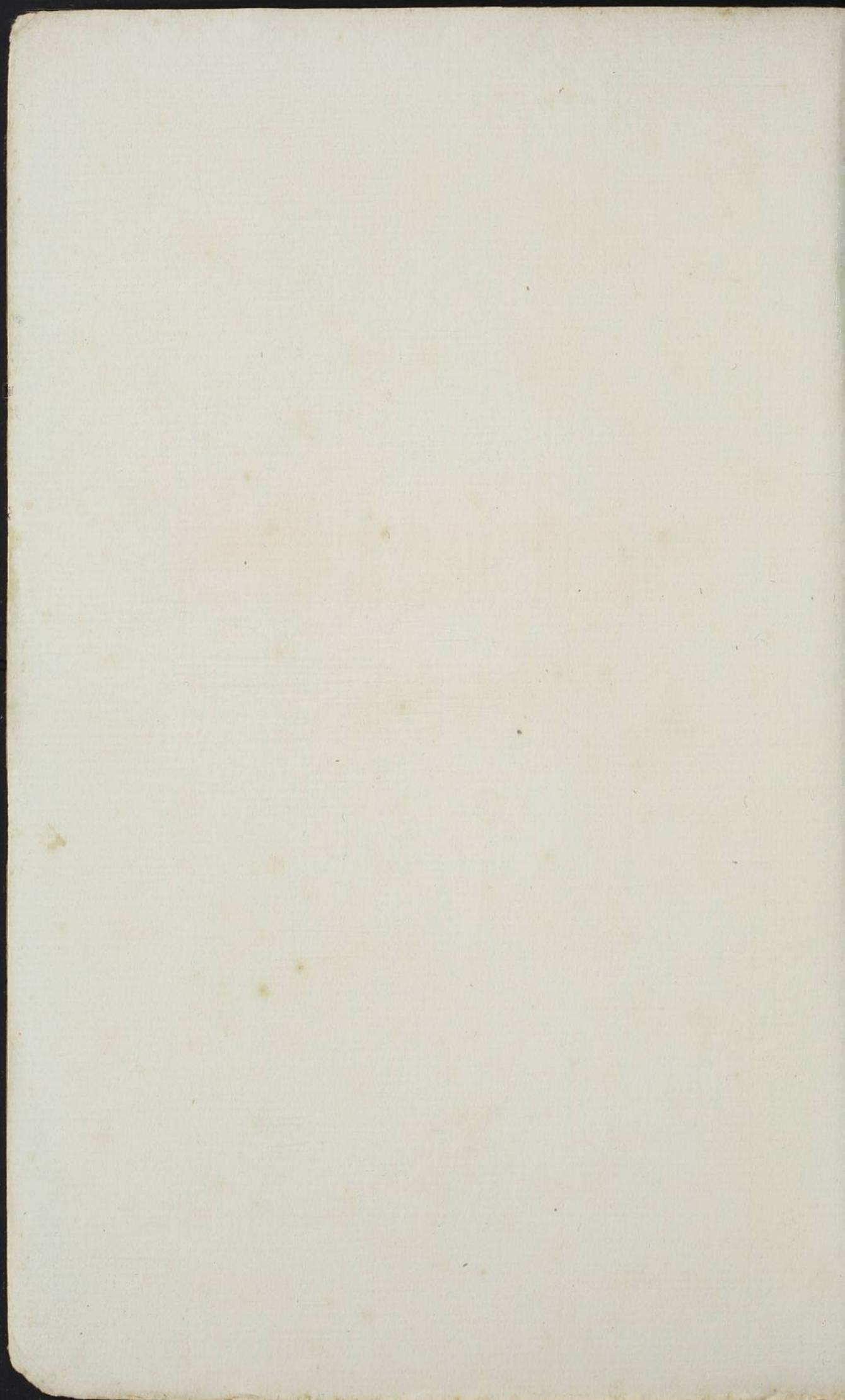
(2.^a SÉRIE)

1911-1918

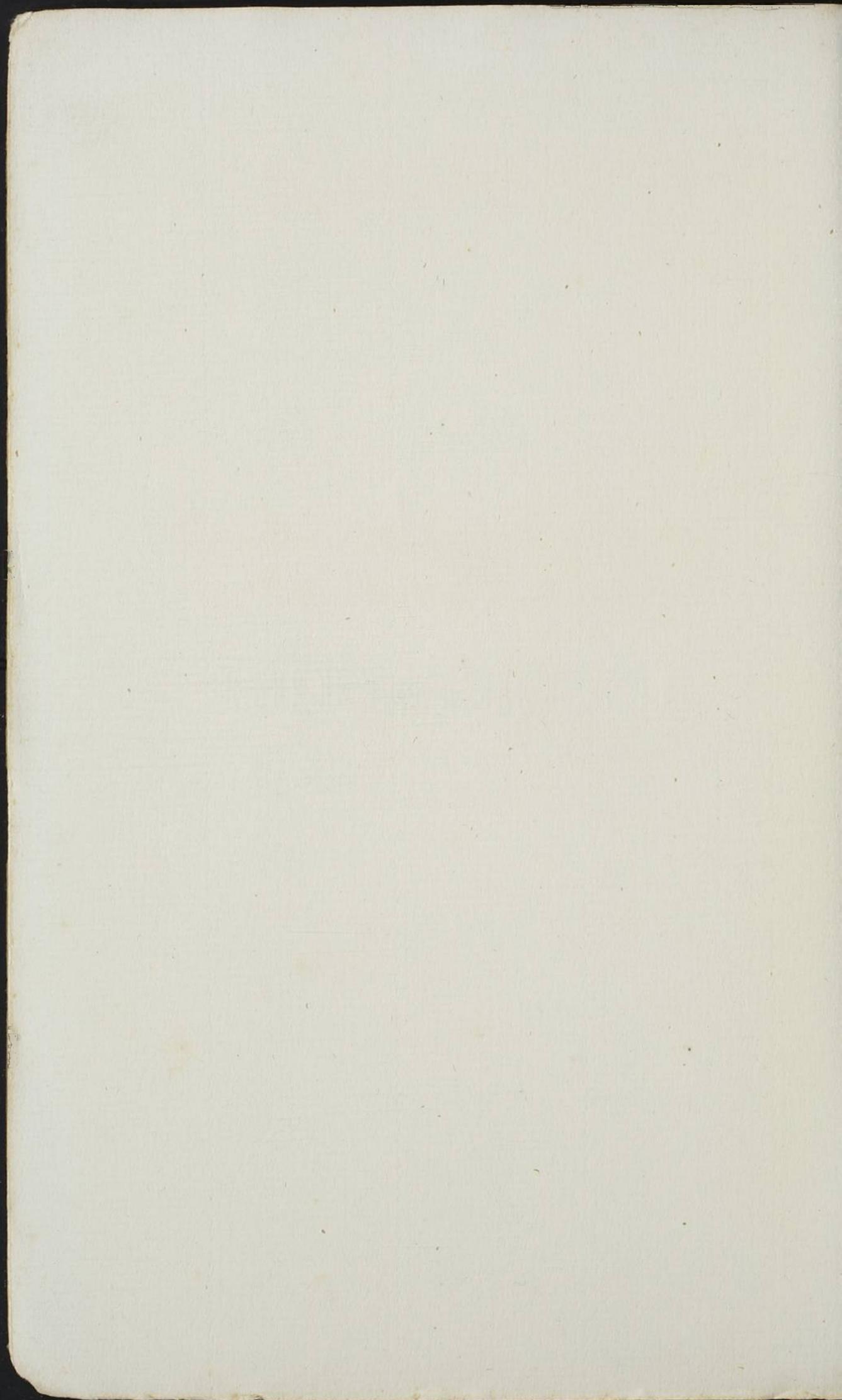
1919

LINOTYPIA DA CASA RAMALHO

MACEIÓ



DEDICATÓRIA



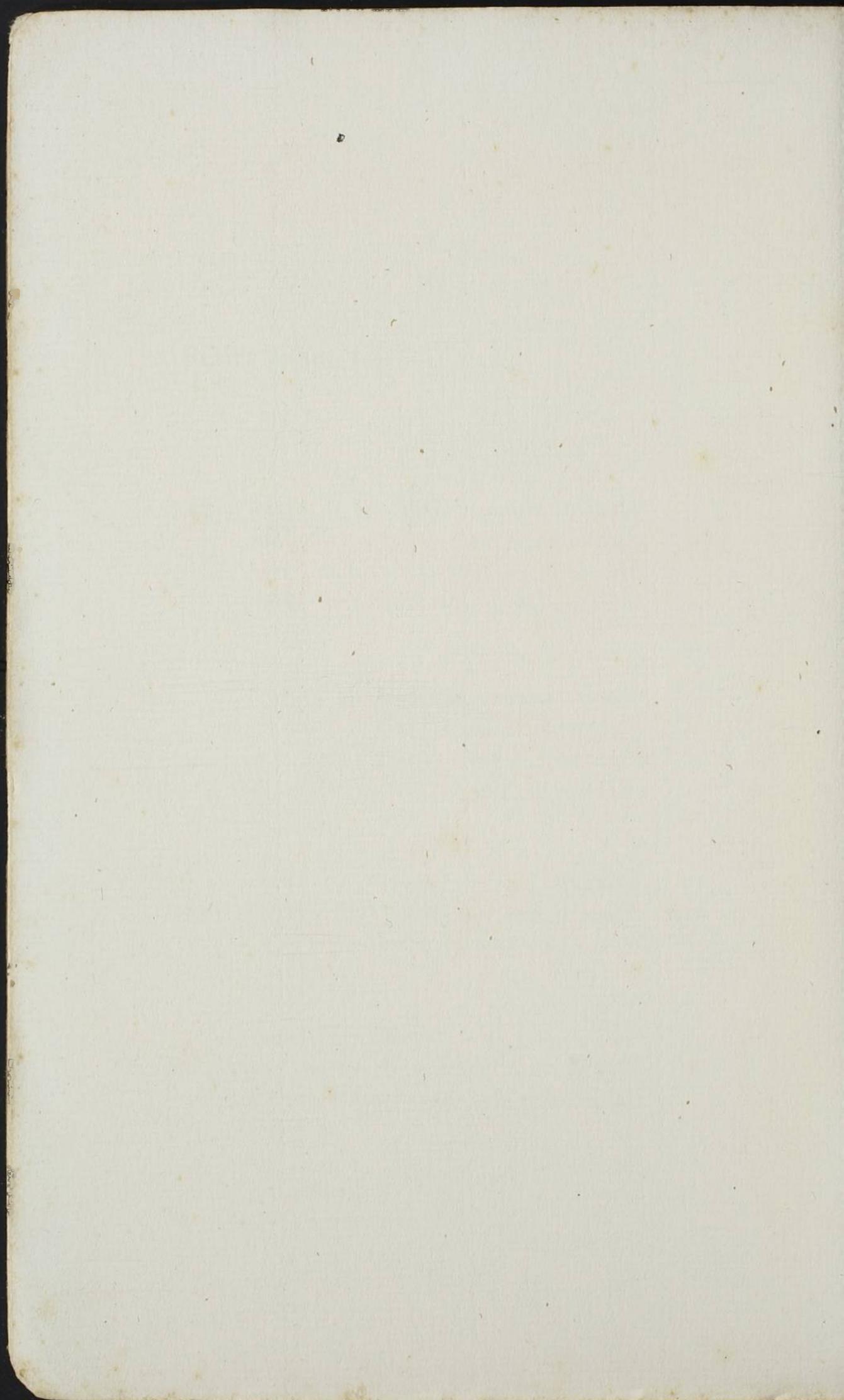
A meus filhos

*Meus filhinhos ! Durante a minha vida
Já tão cheia de transe e trabalhos
Muitas horas passei de alma insofrida,
Tive noites de insónia e dias falhos.*

*Foram provas gloriosas de quem lida
Rebatendo imposturas e espantalhos,
Buscando, para a Terra pervertida,
Novas leis, novos fins, novos atalhos.*

*Rebentos de um espírito irrequieto,
Meus versos vos dirão tudo em que penso
E o que sinto de orgulho, ódios e afeto.*

*São visões, estos nobres, resplendores,
Céu claro e turvo, onde vereis, suspenso,
O arco-iris dos meus sonhos superiores*



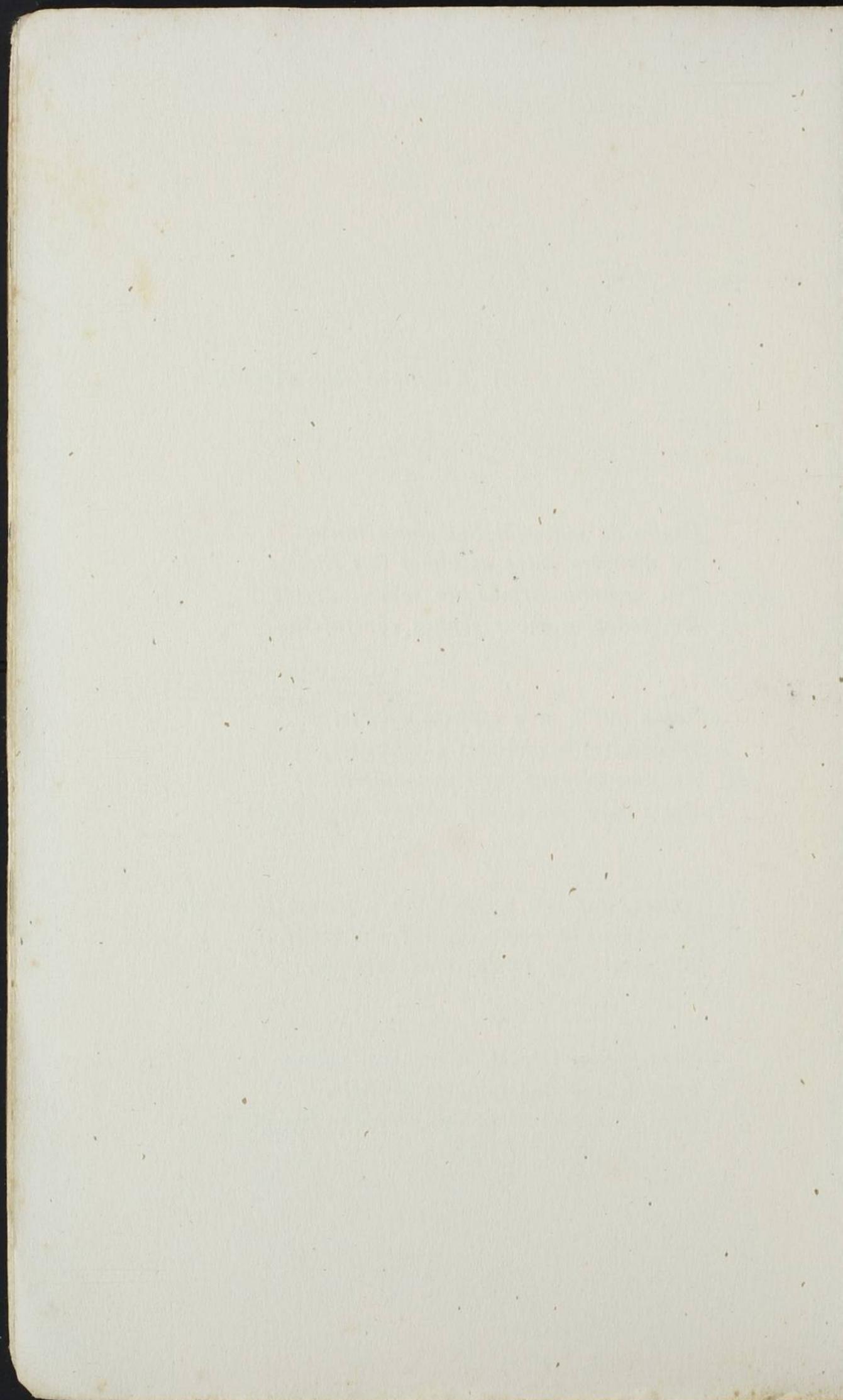
A Augusto dos Anjos

*Dentro da universal Substância inerte,
Ou disperso entre as almas dos Eleitos,
Teu espírito—irmão do meu—adverte
Em todos os meus sonhos contrafeitos.*

*Sabes que o meu espírito solerte,
Insubmisso a virtudes e preceitos,
As suas máguas íntimas converte
Em versos que supõe sempre imperfeitos.*

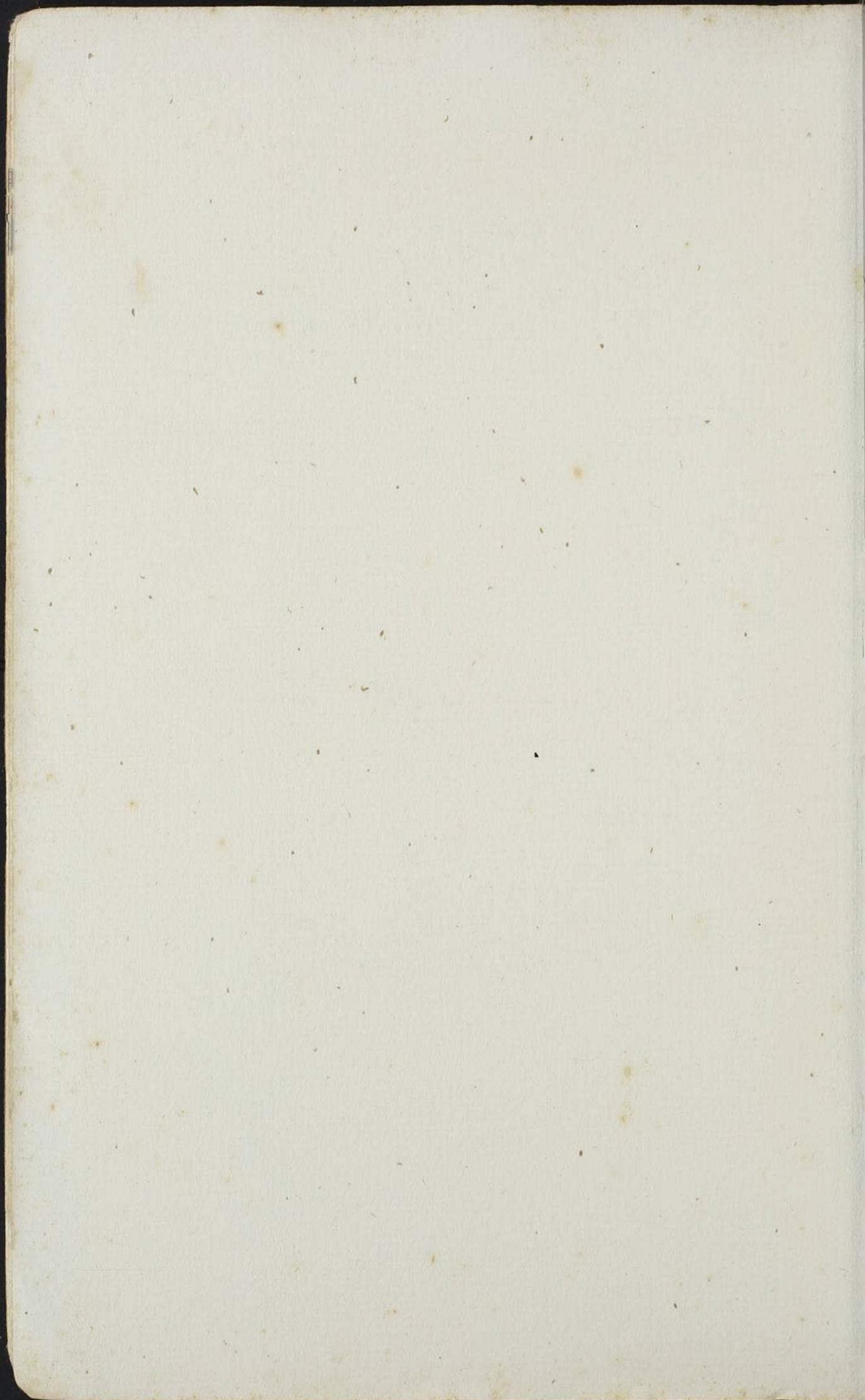
*Nêstes, que ora publico, ha o pasmo horrendo
De quem viu, como tu, a Treva triste
E dessa visão torva anda vivendo.*

*São receios, ficções, horas sem calma,
Uma agonia que tambem sentiste,
Que fez minha alma compreender tua alma.*

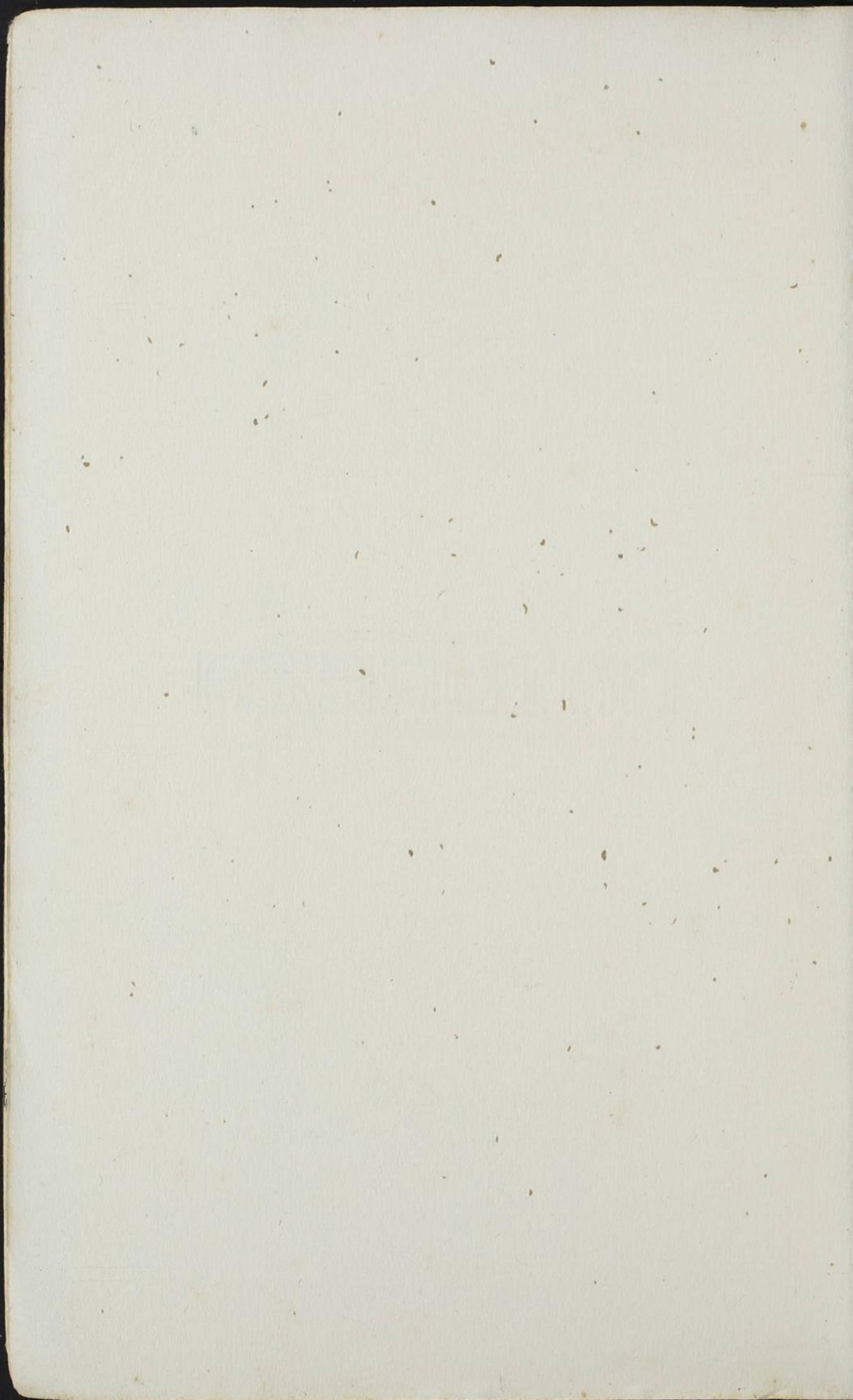


Poetry, therefore, is musical Thought

CARLYLE



NATUREZA



A FORÇA

Nas minhas investidas de quimera
Ao segredo do início e á lei das cousas,
Subo a píncaros, vôo á grande esfera,
Sondo múmias, sarcófagos e lousas.

Na sombra que me envolve e me exaspera
Palpitam luminosas maripôsas
"São fagulhas da Luz candeante e austera,
Cuja penetração calculas e ousas".

Então, á luz dessas luzernas sôltas,
A massa primitiva, húmida e informe,
Se agita em turbilhões e ondas revôltas.

E eu vejo o frenesi da Essência em luta
Abalar, sacudir a Treva enorme
Nas eternas criações da Força bruta..

A ETERNIDADE

Do magma informe surgem, formas várias,
Cousas que vão volver, brilhar, florir :
Orbes e sais, florestas e alimárias,
Fantoches do presente e do porvir.

Surgem como criações involuntárias
Da fatal lei sem causa de ir e vir ;
Agitam-se ao rigor de eixos e de árias,
A ascender, a girar, a decair.

Depois, no escancelado sorvedouro
Da morte entram em trágicos *crecendos*,
Aos esgares, aos ais, em convulsões.

Passam do mal presente ao mal vindouro...
Vão, em vórtices rápidos e horrendos,
Para o segredo das renovações.

A CRIAÇÃO

Caus é Potência, é Deus que em si renace !
A angústia milenar da massa informe
Que, no termo de um ciclo imenso, dorme
O seu sono aparente, de trespasse...

Até que um choque elétrico perpasse
Átomos e íons da argamassa enorme,
E abale o mundo frio, ermo, uniforme,
Num súbito e tremendo desenlace.

Um raio rompe a treva de repente...
Despedaçam-se flúidos, vêm-se rastros
De luz no alvor da Nebulosa quente...

E começa o delírio, o arranco aflito
Da cavalgata esplêndida dos astros
Na arena quase escura do infinito...

A FORÇA CRIADORA

Na noite silenciosa o meu desejo crece...
Desejo de ser Deus, de ser criador de mundos !
De meus lábios borbulha, em sardina, uma prece...
Logo um trismo criador transe os astros profundos.

“Sou eu, pepitas de ouro ! eu, quem vos engrandece ;
Sois, no alto, sóis em ruina ; em meus olhos fecundos
E’ que está vossa pompa, a beleza, o interesse
Da vossa luz na solidão dos meus segundos.

Como que a Noite, a ouvir meus brados, se apavora !
E’ meu êste pavor, esta horrenda incerteza
De não ser eu o autor de tudo o que amo agora...

De não ser criação minha as festas em que exulto :
—A algazarra feliz de toda a Natureza,
Florindo em sóis, erguida em luz, ruindo em tumulto !

A NATUREZA

Natureza ! Arsenal das forças vivas,
Das forças mortas que hão de renacer !
Venho das tuas loucas tentativas
De criar—alma e matéria—um Super-Ser !

Vejo, nas formas que na terra arquivas,
Teu genético esforço sem prazer,
E sinto, em minhas ansias produtivas,
Tua insistência em proseguir e obter.

Em meus nervos violentos se elabora
A seleção de heranças desiguais !...
Continuas teu plano de hora em hora.

E, surda aos meus martírios, aos meus ais,
Tiras, das dores que me dás agora,
Germens de exaltações espirituais.

O MISTÉRIO

Toda a Criação tem voz. O Verbo fala em tudo !
Somos a Interjeição, talvez, de alguma idéia,
Que não logra entender, mau grado o gênio e o estudo,
As demais notações da divina epopéa.

São dor de alma inconciente os sons do bronze mudo.
Cada sol, no alto azul, é uma onomatopéa
Cantando, por si só, uma era do Conteúdo !...
O nivo do mar é um ai na eterna melopéa !

Sim ! Abramos no Ignoto a aura do pensamento,
E ouçamos o rumor-decido de Alem-mundo,
Como o ritmo de um sonho ou os ecos de um lamento.

E' um murmúrio orchestral que nos vem não sei de onde,
Mas em cuja entoação, como tema profundo,
Ha uma frase qualquer de alguém que nos responde.

O MOVIMENTO

Mundo é moto contínuo, astros e ions em giros,
É ter em frenesis, massas em turbilhões...
Calor, luz, vibração, lavas, sangue, suspiros,
Vão fugindo e volvendo ás primeiras tensões.

Cometãs que esvoaçais, como acêsos vampiros,
Na noite interastral, sois aza em convulsões.
Sol, teu bôjo arfa e explode, abre vãos e respiros :
Vais morrer no tumulto em que te decompões.

Sinto, na alma, fremer o vórtice sem través,
O obscuro propulsor que anima essência e forma :
A estrela, o oceano, a alude, o esporo, os gineceus...

E' o perpétuo rolar de eixos e entrosas suaves
Que alguém pôs no meu sonho e, em pulsações sem norma,
Vão gravando, em minha alma, o ritmo eterno—Deus—!

A. AURORA

“Decei, sombras !”... E a sombra augusta vai decendo !
Pólux queima, na treva, um resto ermo de luz.
E além do mar, no Oriente obscuro, num *crescendo*
Glorioso, abrem clarões dourando os círrus nús...

“Decei sombras !”... Então, no velário estupendo
Que a noite vai rasgando, em traços fiéis transluz
Um vulto de mulher resplandecente. E eu, vendo
Essa efígie divina, abro os braços em cruz.

Êi-la ! Vejo-lhe o estema, a cabeleira de ouro,
A fronte, o colo, o torso, a gase, as franjas finas,
Os diamantes do cinto—entre Rígel e Algol—.

Galga a rampa do céu onde se ofusca o Touro,
Suspendendo, em torsais e contas argentinas,
Os cristais da imperial Lanterna-Branca—o Sol—!

A MANHÃ

I

Nes vitrais do levante um clarão dúbio esplende !
Dilue-se, pela névoa, uma tinta ouro-opala,
E a cada onda de luz que do alto se desprende
Ha, no vale, uma sombra hedionda que resvaia.

O' prodígios do Sol ! O' combustão que incende
Os rubins do horizonte e a alga verde da vala !...
Toda esta Natureza é um cérebro que entende
As palavras sem som da boca que nos fala.

Aclaram-se os perfis das montanhas longevas...
Tremem, com chispações, os quartzos dos granitos...
No poente vão fugindo as silhuetas das trevas.

E, na crosta da Terra, ha uma emoção tão grande,
Que tudo quêda a ouvir, nos ecos infinitos,
As múltiplas canções da Aurora que se expande !

II

Crece a luz ! Ha lampejões sobre as folhas,
Abrem-se as palmas dos oricoris.
Dos ninhos, dos lagedos, das encolhas,
Saem rôlas, calangos e quatis.

Dos mangues, a um rumor crebro de bolhas,
Surgem goiamuns fartos e siris...
Surgem movendo as projeções zarôlhas
Na inconciência do ser rude e feliz.

Tudo se agita : ha um taralhar de gansos
No palhão do engenho ; lerdos, mansos,
Mugindo, passam bois para os currais.

Inquieta apita a máquina do engenho ;
Rangem eixos e eu venho, abstrato... venho...
Sonhando em manhãs de ouro, espirituais...

O MEIO-DIA

Do zénite o Sol rege a orquestração do estio.
Vem, dos pontos cardeais, uma ovação triunfante.
Em cada mēridiano ha um aro luzidio
E um pedaço de céu treme em cada levante.

Raras nuvens, ao sol, se esgarçam fio a fio ;
Sobe, no ar sossegado, um vapor coruscante...
Quem ha que, sob a luz e a cor desse ar sadio,
Quartzo--não brilhe, embrião--não brote, alma--não cante.

Sol ! Teu trono de fogo é chama em glória e pompa !
És ouro em cremação, forja de aço, acendalhas
De cristais a ferver num bôjo formidando.

Meio-dia ! Retine um clangor real de trompa,
E o fulgor é tão grande e ardem tantas fornalhas,
Que a Terra anseia e quēda exausta, sufocando.

O LUAR

I

Um som de avena, ao longe, aclama a lua-cheia !
Ela irrompe acendendo os cristais do horizonte ;
E logo a Terra aflita, haurindo luz, anseia.
Tрева !... Ha um pavor mortal de que o Sol não desponte.

E eu vejo, á luz maguada, um mundo que enxameia :
Vôam silfos ; correndo, entre moitas de um monte,
Driades nuas vão e vem ; uma sereia
Ergue a cabeça fria entre fragas, defronte.

E os faunos e os tritões e as náíades e as musas,
Toda a tribu pagã, que era o Sonho animado,
Resucita, pagã, nessas formas confusas.

Falam, movem-se, no ar, nas águas, na floresta,
Enchendo a sombra vã de corpos e pecado,
Revivendo, em saudade, o paganismo em festa.

A TARDE

Afunda-se o mórão solar na água do poente...
Um fumo intenso ascende e lento, lento, enfuma
A redoma solar. As sombras, surdamente,
O antemuro oriental vão galgando uma a uma.

Assanha-se em rojões o Atlântico veemente...
Nos bronzes do horizonte uma onda estronda e escuma...
Ha um lamento... alguém plange; é o oceano que sente
A oclusão dos clarões na fuligem da bruma...

O' renúncia da luz ! Nos cóncavos da Altura,
Como rondas irmãs, as estrelas despontam...
Um resplendor se extingue em cada rampa escura.

E em toda a Imensidão ha um torpor tão profundo,
Que os vultos dos torreões na penumbra amedrontam
E zumbem, no silêncio, os murmúrios do mundo !

A NOITE

I

No horizonte sem cor se estampa a serra preta...
Céu morto ! Entre os buleões de nuvens—dália em fogo—
Rigel fulge... Ouço um pio... ha na mata um regougo.
E um frémito de horror no estrondo da marea.

Abre, a leste, um clarão entre âmbar e violeta
No mar se acende e apaga a boia furta fogo...
Uma voz, longe, clama, ai de aflição e rôgo !
Entrescuto um rumor de azas de borboleta.

Minha vida ! Eu sozinho ! Eu e a saudade horrenda !
Eu e esta noite estranha ! Eu e esta noite de alma.
Sem um raio de luz que me aclare ou me entenda.

Vão chovendo, da altura, escumilhas e plumas...
No céu triste ha mais sombra, ha no oceano mais calma,
E em mim o esforço vão de ondas mortas e espumas.

II

Sobe a lua. Ha um clamor na Natureza :
A várzea inteira acorda em sons maguados ;
Ouve-se o grogrolejo da reprêsa
E a algazarra das rãs pelos valados.

Vendo aquella ave de ouro no alio acêsa,
Os bacuraus redobram seus bradados,
Despertando, por toda a redondeza,
Os outros passarinhos descuidados.

Em pé, na ribanceira alta do rio,
Um touro olha os reflexos da água mansa...
Na água se estira sua sombra enorme.

A lua galga o céu resvaladio...
Sobe... Uma aragem tímida balança,
Pesadamente, o bambuzal que dorme.

AS ESTRÉLAS

I

Ao vir da noite, pelo céu remoto
Elas ficam, sozinhas, a çismar ;
E eu, vendo-as, por ser delas tão devoto,
Rezo, dentro da luz crepuscular.

Então, no meu fervor de crente, noto,
No brilho delas, algo singular :
Ha, naquelas pupilas, o esto ignoto,
O estranho anseio de quem quer falar.

Astros, falai ! Contente vos escuto,
Eu, que tenho o condão de vos ouvir,
Entendedor do Sempre e do Absoluto.

Elevai-me ! Tenho alma de faquir !
O' ! vertei, no meu sonho irresoluto,
A vertigem perpétua de subir.

II

Estrêlas, contemplando-vos, sereno
Minha angústia emotiva de pensar :
Pois, vos vendo, eu efêmero, eu pequeno,
Enchô de mim o vácuo translunar.

Dêste meu planetar pouso terreno
Onde temo o prazer de vos sondar,
Esquego as amarguras em que peno
E me enlevo na música estelar.

Bebo a luz que sangrais ; depois, concentro
Meu espírito em seu carnal recinto,
Olhos em chamas, doídos de vos ver.

E' vossa a luz que anda a vagar lá dentro...
Torvos clarões proféticos que eu sinto
Na noite alvorocada do meu ser.

A SOMBRA

Dos cinzeiros de leste a noite cai. O' ruina
De toda a construção solar ! Sol—urna e fonte—
Fechas o esguicho de ouro e a concha cristalina,
Já os corais e os rubins se apagam no horizonte.

O' sombra ! O' cantochão da tarde que declina !
Opa negra a envolver cada curva de monte...
Que importa que outra vez a rival matutina,
Com o seu retroz de prata, o céu azul posponte !

Ó remorso de tudo o que brilhou ! A espuma,
Que é saudade da vaga, aõ sobrevir da sombra,
Cores e irisações vai perdendo uma a uma.

Sombra é modulação... desespêro que hesita...
E' o pecado da luz... sonho azul que se esombra...
Amargura final de toda ánsia infinita.

A TREVA

Treva ! A ausência do Sol não me envenena.
Eu sou o espancador de sombras vãs !
Molho, para escrever, a minha pena
No carmim sempre novo das manhãs.

Tenho, na fronte ousada, a luz serena ;
As madrugadas são minhas irmãs.
Leio Homero, adoro Hélios, amo Helena,
Louvo os surtos geniais e as formas sãs.

Treva ! Deço ao teu pego, ando em teus meandros,
Porque, afeito ao labor dos escafandros,
Tenho retinas para ver sem luz.

Apraz-me a solidão do teu abismo,
Porque, no teu silêncio augusto, cismo
E eismando ouço o Alguém que me conduz !

O SOM

Cada voz no universo é uma alma que se evade !...
Sons de tuba a retroar, ou trovão quando estronda,
São máguas do metal, rivos da tempestade
Que se lamenta em vão, sem ter quem lhe responda.

No silêncio do exílio ha gritos de saudade...
Ha uma dor milenar em cada esbarro de onda...
Que frases não dirás, ó Sol, á Imensidade
Quando nova erupção te everte a crosta hedionda !

Nos rumores da noite o Verbo anda disperso...
Clama, em ode ritmada, a epopéa do mundo...
A rima é o coração que sai cantando em verso !

Ouçamos a entoação dessa orquestra canora,
Que nos chega á reboar, como o acorde profundo
De uma alma que se alegra e de outra alma que chora !

O PERFUME

Quando a rosa abre ao sol as conchas da corola,
E—sultana—, em seu trono alto e verde, o ar perfuma,
O ar, sorvendo em porções o eflúvio que se evola,
Vai as pétalas reais bafejando uma a uma.

O' jardim que sossega ! O' zunidos de viola
Na penumbra da várzea, ao pé da sumaúma !
A macela recende, o olor das murtas rola...
Amo a alma vegetal que dos jasmims regnna.

No céu fundo, aspirando o vácuo, Algol corusca.
Vem da mata o cheiro acre e impuro da coirara...
Passam volúpias ruins em minha alma erma e bruseca.

E' que eu sinto, entre o odor do angico e da aguçena,
O aroma feminino, a essência viva e humana,
Que exala, ó meu amor, tuã carne morena.

A MULHER

I

Filha

Das origens incógnitas da Vida
Veio ondulando a vida acêsa em vós.
Sois onda na existência, repetida,
Resonador das almas dos avós.

Herdastes a coragem comovida
Que nêles era exaltação feroz ;
E os selvagens baldões da acometida
São hoje a graça que emitis na voz.

Feliz, a custa das passadas dores,
Filha dos sofrimentos ancestrais,
Vosso bem são tragédiãs anteriores.

Não renegueis o pranto que chorais ;
Êles são as relíquias interiores
Do pranto milenar dos vossos pais.

Espôsa

Feita, pelo martírio hereditário
Dos avós, flor dos frutos que hão de vir,
Guardais em vós—ó carne relicário—
Os germens do passado e os do porvir.

E—alma—dentro de um corpo refratário
A' ingênita missão de progredir,
Amais ! O Amor é o grande corolário
Do postulado orgânico : existir.

E o amor vos simboliza no universo,
—Urna da vida de onde a vida emana—
—Nebulosa onde pulsam novos sóis—

Sois a renovação ! Que em vós, disperso,
O amor vai refazer a espécie humana
E inspirar para o bem, novos heróis.

III

Mãe

Para a renovação das águas puras
Abrem-se as fontes !... Fonte de alma sois.
Umam dão rios, outras dão criaturas,
—Cofre da Vida—fragmentado em dois.

Recebemos a herança de amarguras
De vossas dores, mãe ; bem dita, pois !...
Que as dores são as causas mais seguras
Dos grandes feitos que hão de vir depois.

Mãe ! No esplendor das redensões felizes
Ou na aflição dos transe turbulentos
Haveis de em vossos filhos reviver...

Que em vosso ventre estão as geratrizes
Dos dissabores, dos resurjimentos
Em seus dias de angústia ou de prazer !

O PRISMA

Terra ! Sou a expansão, sou quem dialoga
Em teu côro, eu, a boca que se espera !
Ergo, num monte, a minha sinagoga
E' prego, monge novo, a nova era.

Tenho limpa de sangue a minha toga ;
Vejo minha acendência em cada fera,
Detesto a alma que nega e a alma que roga . . .
Minha voz não supplica nem venera.

Sou teu ! Quando, em meus cantos mais audazes,
Se ouve o rumor das multidões frementes
E o ranger de entrosagens e tenazes,

Todos percebem que em minha alma acêsa
E's tu quem canta—oceanos, rios, gentes—
Em motivos de glória e de beleza.

O ATLÂNTICO

Do cabo Horn a Groenlândia e do Háteras a Loanda
O oceano--espúmeo é ondeante--espalha ondas e espumas...
Vão do Congo ao Haiti, trôam no Lizard umas,
Outras no Bojador quando o tufão desanda.

Nêle, em pleno Equador, viça a flora execranda
Dos sargaços, mas corre o Gulf-Stream ; e entre brumas,
Ou á luz viva, num vôo audaz, alçam-se as plumas
Dos biguás do Brasil e dos *goelands* de Irlanda.

Pescadores de Ouessant, veleiros de Noruega,
Balceiros de Halifax, paquetes do Havre ou Cádiz,
Toda a vida, em seu dorso, ofegante, navega.

E das docas de Hamburgo aos cais de Punta-Arenas,
Vai crescendo o vaivem, entre ilhas e cidades,
De mastros, chaminés, cabos, velas e antenas !

OS RIOS

Vastos, rolando as águas em cachoeiras,
Através de sertões, serras e grotas,
Os rios das vertentes brasileiras
Decem, caudais, das altas chãs remotas.

Furos, igarapés, charcos, ipueiras
Vão demarcando as suas longas rotas ;
E pelas águas, desde as cabeceiras,
Se estira um meandro de ilhas e de ilhotas.

Para o Atlântico imenso correm, grandes ;
Bebem nas fontes do planalto interno,
Ou nos flancos vulcânicos dos Andes.

São assombro, beleza, alma, energia...
Rêde que envolve o meu torrão materno,
Como torsais de prata luzidia.

O AMAZONAS

—Polvo imenso—do Oceano ergue a cabeça hedionda
E estende pela terra os tentáculos nús :
Tocantins, Tapajós, Madeira, Içá, Purús,
Iguarapés, peraus intangíveis á sonda.

Planalto e Andes sugando, as terras esbarronda.
Tracajás, jacarés, bôas, pirarucús,
No horror da solidão, sob o céu noctiluz,
Sulcam a água no afan de uma invisível ronda.

Noite alta, ao luar do norte, o Amazonas cintila.
Desmaia na savana o verde-clorofila
E a água turva, ao clarão celeste, esplende mais.

E o Grande Rio alarga a foz hiante no oceano...
Rio—símbolo real do gênio americano—
Gênio realizador de sonhos colossais !

AS MONTANHAS

A oeste os Parecis, a leste a Borborema,
Ao sul a Mantiqueira, o Estrondo, a Apucarana...
Serras e serras, desde a linde norte extrema
Até os cerros de Herval, S. Gabriel e Santana.

Prêsas em cordilheira, unidas em sistema,
São chapadas centrais ou espinha litorana.
Nelas urra o jaguar, crece verde a jurema,
E a água, em fontes caudais, se despenha e espadana.

Cristas de Apóporis, visos de Taguatinga,
Canastra, Cubatão, Aimorés, Mar, Bocaina,
Cariris, sois paixão do viajor que vos vinga !

Montanhas do Brasil ! eu—poeta—vos exalto,
Sois o altar onde rezo, o exemplo á minha faina,
A' ambição de subir, sempre alegre, mais alto.

A ALMA

—Misterioso pomar—dá frutos de ouro ;
Tenho orgulho dos frutos que ela dá.
Ela—a minha alma—é um cisne imorredouro...
Depois da morte ainda cantará.

Sonhadora, prevê, no Além vindouro,
A vida livre, o ideal que não vê cá.
Por isso ama, é alegre, e até no chôro
Sente que a dor da vida não é má.

Carreadora de idéas e de imagens
Tem planos, concepções, surtos de amor...
Ouve um rolar perene de carruagens.

Quer estender a seara do Senhor,
Anunciar novos fins, novas miragens,
Ser um S. João Batista precursor !

O PROGRAMMA

Ha sempre glória em querer ser maiór,
Em querer ser o Símbolo, a Bandeira,
A Bússola, a Esperança derradeira,
Quando tudo é desánimo em redór.

“Tira o teu pão vital do próprio suor
E dá-lo, pão celeste, a quem o queira !
Aduba, sempre mais, a tua geira,
Para dela colher trigo melhór” !

Resumo nêsses versos meu programa.
Tenho a insânia do mar ; desejo mais !
Contra rochas minha alma espuma e brama.

Quero a sina dos grandes mananciais,
Cuja água vem da serra e se derrama
Por vinhedos, pomares e rosais.

O LIVRO

Lê devagar, leitor ; não lês farsa ou romance ;
Lês um poema sagrado onde officia alguém.
Não ha cérebro algum que, ao me ler, não se cance
E não quêde a pensar no que em mim se contém.

Nêste livro ha visões que passam de relance,
Rochas que andam, dragões, cidades sem ninguém...
Ha explosões de alegria e dor do último transe,
Que eu revivo o que foi e previvo o que vem.

Ha tumultos de oceano, infernos, gêlos, signos,
Retina que antevê, refletor que preluz,
Forças de redenção e espíritos malignos.

E' o livro do meu sonho—estepe, Hiléa, Elbruz—
Corôa zodiacal dos meus prantos mais dignos
E espelho universal do céu que me seduz.

A ORIGEM

Venho de uma era antiga, estacionária,
De um remanso vital ora transposto !
Tenho formas avitas de alimária
E pelos de gorila pelo rosto.

Esta luz, luz divina e missionária,
Que em mim fulge, e é soberba, ánsia ou desgosto,
Nem sempre foi luzerna e luminária,
Foi alvares de instinto predisposto.

Provim de uma sequência gradativa
De mudanças, de ensaios, de avatares...
Sou a Essência que se une e se reaviva.

Sou o desfecho de um drama turbulento,
Em enjos episódios milenares
Foi crescendo, crescendo, o pensamento.

OS SENTIDOS

Trago em meu nervos, viva, hereditária,
A história dolorosa dos sentidos...
Vêde ! no meu substrato de alimária
Ha sofrimentos ancestrais, reunidos.

Produto de uma trágica estatuária,
Ouço gritos de cães nos meus gemidos...
Dói-me, ainda, a triunfal crosta calcária
Que pesou nos crustácios perséguidos.

Vivo das vossas penas inconcientes,
Seres primevos !... Elas vieram, rudes,
Através de mistérios e acidentes...

E hoje, nos meus heroísmos redentores,
Sou apenas o assomo das virtudes
Que brotaram, meus pais, das vossas dores.

O CRISTAL

Na forja subterrânea onde, em segredo,
A inconsciência das forças te formou,
Fez-se o substrato real de que procedo,
Esta massa inorgânica que eu sou.

Vem: da tua coerência de penedo
Que a nebulosa-máter preparou,
A união torva de células que, cedo,
Fez o ciclo animal por onde vou.

Eu—fruto dos cristais que a Terra apura—
Eu—cristal vivo—nos meus versos ponho
Estos humanos e visões ideais !

E' que, na mina de minha alma obscura,
Brilha, serena, no cristal do Sonho,
A mesma luz inquieta dos cristais.

O CALDEAMENTO

De todas as idades sobrepostas,
Das terras mais confins ou mais distantes,
De serras, chapadões, angras e costas
Vem meus ossos, meu sangue e meus rompantes.

Quando, ó Poeta guerreiro, os maus arrostas,
Alçam-se, em ti, pigmeus, heróis, gigantes,
Selvagens, tribus e hordas decompostas
E os avós lusitanos arrogantes.

São caldeus, mirmidões, sírios, romanos,
Hotentotes, lapões, gregos, tamoios,
Mongóis de Gengis-kan e incas peruanos...

Ergue-se toda a história quando ameaças,
Que és a foz dêsses múltiplos arroyos,
O *mare magnum* caldeador das raças.

O CARÁTER

Sou a Força ! Em meus músculos se encerra
A energia das lutas milenares,
Pelas quais, contra leis, pressões e azares,
O Homem se fez Espírito na Terra.

Sou a Vontade : o herói da maior guerra !
Negador de verdades seculares,
Que rasga leis, destrói tronos e altares
E a vida livre aos homens bons descerra.

Sou a Idéa, a razão que erige e vence...
Instaurador de formas e teorias,
Instinto medieval e alma ateniense.

Sou o Amor ! Esse absinto me conforta,
Que êle, só êle, anima as sombras frias
Que vão ficando em minha vida morta.

O DESLUMBRAMENTO

Fere-me os olhos o clarão do mundo

(FAGUNDES VARELLA)

Vida é deslumbramento ! Auroras sulferinas
On poentes, de ouro e cinza, em tudo ha alma e canção.
Ha estilhas no cristal, sombra nas casuarinas
E, no bosque, um fervor de mistério pagão.

À noite, ouvem-se, além, trovas e sonatinas !...
São as doidas do céu que a gargantear estão,
E que, surprêsas com as fogueiras vespertinas,
Subiram no horizonte, a orar, em^o procissão.

O' riquezas da Vida ! Ouço beijos na treva...
E é tanto o seu ardor, que se acendem pelo ar
E—vagalumes—vão ponteando a aura que os leva.

E em mim crecem visões, um mundo irregular,
Projeções do Universo a cuja ação longeva
Tudo pensa em meu ser e é luz a palpitar !...

O RESONADOR

Resonam, no meu ser, todos os sons do mundo...
Cataclismas de sóis, explosões de Saturno,
Estrondos de vulcões, baques de mar profundo,
Tudo ecôa e soluça em meu penar diuturno.

E nenhum dêesses sons desconheço ou confundo...
Registro, em meus metais, cada voz a seu turno.
Pereço ais de ha um milênio, o *tic-tac* de um segundo,
Gravo o hinário da Aurora e o *Requiéscat* noturno.

Sou luz em pulsações, vento em rajadas longas,
Urros de onça, água a fluir, pancadas de motores,
Silvos, toadas, trovões, tinidos de arapongas...

E, reunindo em canções tantas ondas sonoras,
Vou construindo, em meu sonho, orquestras interiores.
E pranteando, em silêncio, a passagem das horas.

A ALUCINAÇÃO

Sinistramente, pelo tempo afora,
Rolam, mudos, os séculos sem fim,
E essa carreira trágica e insonora,
Não resoando no espaço, ecôa em mim.

Todo o imenso fragor vão, com que outrora
Se espedaçaram sóis no caus afim,
Atroando na alma, em ruidos, rememora
As torvas convulsões de que provim.

Sou, por isso, um dementê que se assombra
Da própria voz, que nela ouve um passado
De abalos, de estampidos, de explosões...

Que vê passar, no horror da própria sombra,
Um cenário penoso e esfacelado
De astros mortos, geleiras e erosões.

A SÍNTESE

Tenho a arrogância das locomotivas,
Arrasto, por mim só, trens e comboios ;
Vim de uma grande ação de forças vivas,
Sou gémeo dos vulcões e dos arroios.

Possuo a timidez das sensitivas
E sou capaz dos máximos apoios ;
Encarno as qualidades mais nativas
De negros, portuguezes e tamoios.

Sou cantor de grandezas e de sonhos,
De amarguras, de arrôjos, de saudades,
Orquestra de harpas e violões tristonhos...

Encerro em mim nações da Terra inteira,
E astros, penhas, heróis, deuses, idades,
Tudo canta em minha alma brasileira !

O DEVER

Venho de ciclo em ciclo e caos em caos, da era
Em que a essência vital se irradiou no Absoluto,
E esta dor de existir e esta ânsia de quimera
Já maguava, na massa ativa, o germen bruto.

Ouço, na alma, um fragor de onda e de urros de fera.
Água a gemer na rocha ou leão, só, num reduto...
Ha um rumor de floresta, ha alguém que vocifera,
Sous de clarim, canhões a troar, dobres de luto.

São sussurros que vem de toda a Eternidade,
Voz do tempo a mostrar quão longa é a trajectória
Dêste plasma animal que ao ser do Ser se evade.

E' o clamor do que foi ecoando no que existe
E me impondo, na vida, a ambição meritória
De elevar, em mim mesmo, a Humanidade triste.

A ADMIRAÇÃO

Vivo em perpétuo assombro ! O' vós, viajantes
Da mesma estrada real por onde vou,
Vêde, em meu rosto, as contrações constantes,
Os pasmos do que vejo e do que sou.

Todas as maravilhas circunstantes
E as que o mundo, em ti mesma, alma, criou
Fazem que assim te exaltes e te espantes...
Ah ! não viveu quem nunca se espantou !

Êsse não viu as pompas do Universo :
Sóis vivos, convulsões do éter disperso,
Velas de morte e flamas de criação...

Não viu, dentro de si, noites e auroras,
Tronos de ouro, galeões, águas sonoras...
Os cosmoramas da Imaginação !...

O COSMORAMA

Da eminência em que estou—monte sagrado
Das minhas conjecturas mais tremendas—
Vejo, graças á luz do meu passado,
Todo o mundo das cousas e das lendas :

Corais, gelos, embriões, o cortinado
Da lua a abrir, no mar, franjas e rendas,
As rochas, Pan gemendo, Io, o Eldorado,
Dante e suas visões frias e horrendas.

Agora é o vácuo, é o sol, é o Etna acêso,
A Ursa que se queima, o céu em chamas,
E' minha alma, a alma irreal a que estou prêso.

E' o prodígio de um sonho renacente,
São pompas, são ficções, são panoramas,
São cismas luminosas de vidente !

A CIÊNCIA

Do meu nada animal ausculto o mundo-esfinge !
Mundo, que és ? Eu, que soui ?—matéria, forma, ser ?
Ah ! Do bem que desejo e a que ninguém atinge
Quero o dom de pensar e o condão de saber.

Quero achar o deus-lei na aparência que finge :
Ver a Energia—o Flúido—atizar-se e evolver :
Fulgor no Sol, embrião na flor, voz na laringe,
Palpitações no amor e heroísmo no dever.

Sim ! Sagrada beleza, acencional virtude !
Ser Keppler e traçar os ciclos planetares,
Ser Hugo e pôr a voz de Deus num madrigal.

E sondar, através do sensível que ilude,
—Luz, gas, som, cor, vulcões, cristais, montanhas, mares—
O sentido interior da Angústia Universal.

O MONÓLOGO

“Estrelas, amo o espaço, amo o céu largo ;
Sou vosso irmão—sonâmbulo e viajor—
Sofreis o frio etéreo, eu sinto o encargo
Dêste corpo, sendo alma superior.

Nos meus colóquios, ouço o grito amargo
De vós todas que ardeis no caos traidor !
Sois a ação e prevedes o letargo...
Prevejo a glória e a morte posterior.

Em mim tenho as antíteses supremas,
Construo, em mim, meu próprio belveder :
Minhas facinações e meus problemas !

Como vós, no meu caos brilho, sou o Ser,
Estrela humana que arde e aguarda, ó gemas,
O destino comum de envelhecer” !

O DIÁLOGO

Noite acêsa ! Eu, que sinto o Orbe girar deveras,
Fito o abismo onde rola a Terra ! O abismo assusta !
Prêso á Terra eu tambem, caçador de quimeras,
Vou rolando entre o horror da treva e a luz augusta.

E clamo : "Astros, ouvi minhas queixas sinceras !
Nêste exíguo planeta a dor que mais me custa
E' não poder subir a vós e entre as Esferas
Erguer, para cântar o Todo, a voz robusta."

Percebo então um ténue alvor no céu de opala !
Acordando, ao reboar noturno do meu grito,
As estrelas mortais perguntam : "Quem nos fala ?"

"Sou eu—homem da Terra—, eu—poeta brasileiro—
Que tenho, em meu olhar, os clarões do infinito
E na voz as canções que vem do mundo inteiro !"

O ENIGMA

I

Em vão procuro Deus. Um latejo inçonciente
Transe o mundo em pressões sem motivo e sem fim.
O Universo não sofre, o Universo não sente
A aflição de existir tão dolorosa em mim.

Sons e ruidos da Terra, em confusa corrente,
Si afirmo, dizem—não—; si nego, dizem—sim;—
Mas abro olhos de aflito ao céu fosforecente
E o céu—silêncio azul—não me diz de onde vim.

E dizem, do Insondado, onde ha frio e ardem fráguas,
Trenos de carrilhões e nevoeiros de luz !
As horas correm vãs, sem dores, como as águas...

Trepida o mundo ! A voz da Treva me seduz...
Mas Deus—sombra falaz, sũrdo apêlo das máguas,
Na minha escuridão jamais, jamais reluz !

II

Essa invisível Causa, que eu procuro
Nos meus tormentos de meditação,
Inda é o mesmo problema, ingrato e obscuro,
Que atormenta homens bons desde Platão.

Esse maldito sonho, por ser puro,
—Apurado na dor—é sonho vão :
E irá semeando dores no futuro...
Pobres dos sonhadores que virão !

Ai de mim ! que, entrevendo o atroz problema,
Me pús a refletir e a meditar,
Descobridor da solução suprema.

Fiquei na horrível noite d'este mar,
Ouvindo a dupla voz do meu dilema,
Incapaz de afirmar e de negar.

O ISOLAMENTO

Procuró em vão, no espaço, alguém que eu quero,
Alguém que me ouça e fale, um ser augusto
Que me encha de verdade o nada, o zero
Em que me agito e em que me observo, a custo.

Ninguém me atende. Em meu repouso austero
Renovo a indagação de susto em susto.
E, quanto mais medito, chamo e espero,
Mais se acentua o meu degredo injusto.

O' Alguém ! não me negues teu amparo,
Que, na amargura dêste isolamento,
Cada vez mais das cousas me separo.

Estende para mim teu flúido ativo,
E põe algum valor de pensamento
Nas horas mortas, sem prazer, que vivo.

A SERENIDADE

Só, no penedo nû, ao clarão dos coriscos,
Vejo o oceano tremer, ouço o vento chorar.
O fragor dos trovões transe os' biguás ariscos
Que olham, fúnebremente, o céu candeante e o mar.

E dentro de meu ser, entre ameaças e riscos,
Gritos de ódio e ais de dor, guerreiam, sem parar,
Reis, vassallos, legiões, cavaleiros mouriscos,
Vivos em meu instinto e arfando em meu penar.

Tufões que uivais no espaço! avós que ansiáis no sangue!
Ha uma dor secular que assim vos' puna e zangue,
Detidos das pressões; escravos do dever ?

Vossa dor não perturba a minha calma triste,
Porque em mim, sôbre o horror das convulsões, subsiste
A serena emoção de pensar e sofrer.

A GLÓRIA

Todo fim é acensão ! Ha um polo no Absoluto.
Ha tendências fatais para o bem do melhor.
Botão que se abre em flor, flor que se expande em fruto,
E fruto que semeia a espécie em derredór.

Glória é a mão que produz num labor resolutu,
Saber que vem do estudo e pão que vem do suor.
Glória ao sol que foi gás, ao homem que foi bruto,
A alma que, sendo grande, aspira a ser maiór.

—Dor minéria—o carvão tem glória em ser diamante :
Glória ao brinco e ao torsal que foram poeira de ouro !
Glória á luz combustão e ao bronze pedestal !

E, na augusta impulsão do Universo triunfante,
Glória ao ser que se impõe o esforço duradouro
De crecer, de subir, na Glória Universal.

O SONHO

Sonho é Fé ! Sonho é toda a Exaltação que cria :
Rocha—o cristal, corola—o odor, carne—a paixão.
A cor—sonho da luz, sonho do Sol—o dia,
Na glória dos seus fins são uma exaltação.

Nebulosa é o labor de uma estrêla tardia...
Sonho é o afan de ser mais puro ou menos vão :
—Ruido---ser som---,calor---ser chama,---homem---ser guia,
—Criatura—ser criador de mundos que virão.

Sofredor ! Quando a mágua, em teu viver tristonho,
Te afligir em segredo, e o teu drama interior
Se arrastar repetindo o mesmo ato enfadonho...

Quando a existência atroz Calvário e cruz te for,
Ergue essa alma, ergue-a a um céu, ergue-a ás ânsias de um sonho
E então serás feliz, dentro da tua dor !

A VERDADE

Meditar é sentir ! Sentir o que não vemos :
Um ser cujas funções não podemos compôr ;
Sentir a enunciação dos enigmas extremos :
A alma da luz, a voz do som, a lei da cor.

Sentir... e não saber. Ter os surtos supremos
Das visões ;—gênio—erguer no sonho o seu clamor.
Gritar aos céus, gritar a um Deus que supusemos
E não ouvir, nos céus, o deus revelador...

O' verdade ! O' canção do mundo, eu não te escuto !
O' Sigma da equação final, não te desvendo !
De que íman me vem pois êsse estranho poder...

Poder que me constrange a ir ver-te no Absoluto,
O' Verdade, e subir nêste arroubo tremendo,
A ofegar... a reagir... a sonhar... a sofrer.

O SILÊNCIO

I

Troveja ! Entre os grotões ha abalos rudes. Range,
Convulsa, ao zinzinar do vento, a mata inteira,
Ouço o bramido vão, solene, da cachoeira,
Enquanto a chuvarada, em pingos crebros, plange.

E eu penso ! Um vulto irreal, de branco, em mim se esgueira ;
Caminha, traz ao peito a cruz, na mão o alfange.
Olha-me e seu olhar de dor não me constrange...
Penso no fim da Terra e na Causa Primeira...

Penso e não ouço ! Em tudo ha o silêncio da Idéa,
Abrigo espiritual contra os ruidos do Mundo,
Ilha de solidão na algazarra plebéa.

Troveja ! Mas, em mim, ha o Repouso que ensina,
Ha a Calma do criador, ha o Silêncio profundo,
Onde, apenas, se escuta a Palavra divina.

II

Silêncio ! Escuto em ti, em teu vácuo sonoro,
O sussurro augural das vozes de além-mundo.
Silêncio ! Porta-voz de tudo quanto ignoro...
Sonda do sofrimento e do ritmo profundo !

Em ti—viajor do sonho—angras novas exploro,
Mar da Contemplação em cuja espuma inundo
Minha mágua ! Solar da sombra, onde melhora ;
Onde minha alma vã se faz germen fecundo !

És meu condensador de imagens e de idéas...
Concentro as emoções, elaboro teorias,
Dou corpo a concepções de idílios e epopéas.

Silêncio ! Eu sou pastor ; em-ti reúno meu gado...
Esconde-o em teus grotões ; são ovelhas sadias
A quem dei de beber meu pranto amargurado !

A TRISTEZA

Na sombra desta Noite enorme alguém soluça !
Alguém sofre ! Eu talvez. Talvez o meu amor.
"Tristeza ! entras, em vão, em minha alma inconeussa ;
Em meu chôro ha meu sonho, ha meu riso interior".

Penso isso, e junto a mim, alguém, que o rosto embuga
Em crepes imortais, olha-me com fervor.
Sôbre a Terra o céu vivo, em chamas, se debruça
E, nêsse olhar humano, em luz, se vem depôr.

"Sombra, que queres tu ?"—"Poeta, eu sou a Tristeza !
Sou a glória da Noite e o gênio da Canção ;
Sou a lâmpada azul que em teu sono arde acêsa !

Sou a mágua do Todo, a insigne exaltação
De saudade que te ergue a ir ver, na Natureza,
Essa alma que te falta e que chamas em vão !

O GÊNIO

Na indolência da Noite ha uma voz que nos chama !
O' palavras sem som ! O' interjeição da luz !
Som, matiz da canção ; luz, segredo da chama,
Sois milagre que assombra e enigma que seduz.

Dentro dêsse Infinito, orchestra ou panorama,
Quem vê, na sombra, a mão do artista que produz ?
Gênio, braço que pinta ou língua que declama,
O estro é o prisma, onde, em ritmo e côr, tudo transluz.

Quando o Espírito ascende ás visões sobrehumanas,
Na árdua interrogação da Causa primordial,
Das fontes do mistério, ó Verdade, espadanas !

E atento ás variações da Sinfonia astral
O Gênio ouve planger, entre salmos e hosanas,
O lento cantochão da Mágua Universal !

O SOSSÊGO

Dentro da agitação das cousas reais procuro,
No retiro mental, meu sossêgo interior.
—Benção das Almas—Paz, no teu remanso obscuro,
Compreendo a lei da Vida, aceito o bem do Amor !

Sinto falar em mim a razão de Epicuro...
Ela chega, a reboar, num longinquo fragor ;
E, da inquieta obsessão do meu credo inseguro,
Vai surgindo a visão de um dogma redentor.

Sossêgo ! Meu labor, só por ti, é fecundo ;
Minha oficina és tú ; és tú minha centelha ;
Para a vida feliz acho em ti meu coadão...

Pois, no incerto fervor das ambições do mundo,
Para a minha inquietude insaciável de abelha,
Só tu, colméa boa, és a minha ambição !

A MÁGUA

O mar geme na costa, e eu sofro ! Zume o vento
Chorando, e eu sofro ! Sofro a mágua espiritual !
Sofro a repercussão do soluço agourento
Que nas cousas é inércia e em meus sentidos, mal.

Escuto, estrelas de ouro, o vosso ermo lamento !
Sinto o frio do caos ! Sol, bem sei que és mortal !
Vejo, da Terra obscura, o vasto firmamento,
Entre círios, a arder no próprio funeral.

O mundo se destrói, e eu sofro ! Entendo a Morte.
Força é Deus que decai ; luz é degradação.
Ha uma ironia atroz no orgulho de ser forte...

Sofro a angústia de ver que em mim ha um sonho vão,
E que tudo o que admiro e exalto em meu transporte
Vai morrer, sem rumor, na Eterna Solidão !

A VITÓRIA

I

Progredir é vencer ! Contra a incoesão das massas,
—Nebulosa—agregar substâncias e ser sol !
E—gas triunfante—um dia, entre névoas escassas,
Surgir, no céu surprêso—ilha de luz—Algol !

—Vitória vegetal—a raiz com que enlaças
O chão bruto é um labor que te honra, ó girasol !
E—lição milenar das vitórias das raças—
Lesma ! é um péan de heroismo e dor teu caracol.

Da rude integração da alma inferior alçou-se
A alma humana, e—vitória extrema—a alma, inda unida
Ao plasma onde creceu, quer subir... quer vencer...

Quer opôr, á inação das heranças que trouxe,
Êste amor do Melhor, esta paixão da Vida,
Que—esforço—é a sua glória, e—instinto—é o seu dever.

II

Alguém mostrou-me, ao longe, no Himalaia,
Na Montanha da Vida, a Grande Luz.
“Vai, vence tudo, abre a sangrenta raia
Que os Preferidos para lá conduz”.

E eu, vendo que em redór tudo se ensaia
Para escalar, um dia, o seu Elbruz,
Quis ser, na Viá atroz, marco e atalaia ;
Falquejei, de alma alegre, a minha cruz.

Rompi selvas, pedrouços, mares, lanças ;
Galguei fragas, deci grotas e abismos,
Destrocei, alui portas, fui Sansão.

Fui semeador de angústias e esperanças,
Venci ! Glória aos profundos fanatismos
Que abrem caminhos para a perfeição !

A DÚVIDA

No meus versos ha sempre um sinistro lamento :
Ecos de ânsia longínqua, estertor de alma em luta,
Que reprime o amor louco, o ódio sanguisedento,
Para ser—luz da Vida—alma nobre e impoluta.

Trabalham, dentro em mim, na forja antiga e bruta
Que eu sou, martelos de aço e eixos em movimento...
E nêsse antro de fogo e pressões se transmuta
O substrato animal com que meus dons aumento.

Melhero. Para que ? Para que, no meu sonho,
Crece a facinação de melhorar, penando ?
Valerá, para o Fim, a dor a que me exponho ?

Ou todo êsse esplendor da Natureza imensa
E' apenas fulgor vão, o bulício execrando
De mundos a rolar na eterna Indiferença !...

A INCONCIÊNCIA

Inconciência ! Talvez visão... Subsonho brusco
De uma alma que quer ser e não sabe a que vai...
Vegetal inconciente, ameba, ave, molusco !
Nessa treva interior ha um fim que vos atrai.

Tremem, no instinto ativo, alvas de lusco-fusco ;
Já no guincho animal punge a humana dor do ai ;
E em minha dor humana ha um sonho audaz que eu busco.
Mas, dúbio, na inconciência, arde, irisa e se esvai.

Sonho !—voz que me fala e se esconde entre brumas—
Aflito por te ver, com medo que te sumas,
Persigo-te na treva e indago na razão !

Eu sou ave que canta alucinadamente,
Sem saber para que ; mas que teme, inconciente,
Que tu sejas, ó Sonho, um pensamento vão.

À SUGESTÃO

Sugerir é anunciar o sonho entre penumbras...
Pôr céus além do azul, Babéis além do mar,
Não clarear os salões da côrte que vislumbra
E deixar em surdina a orquestra translunar.

Ofendes ao que sonha, artista, si o deslumbra...
O sonho quer sossêgo e meia-luz de luar.
As manchas com que os tons do crepúsculo obumbras
Dizem mais á emoção que o fogaréu solar.

Sugestão ! Cismias da alma ! Anjos e elfos em rondas,
Deusas pelos jardins, naus de ouro sôbre as ondas
E espetros a surgir de uns vãos de cathedral.

E, no ocaso acobreado, á luz quase esvaída,
Ouvir beijos de adeus, vozes de despedida,
E, na treva que aumenta, um soluço final.

A SUPERIORIDADE

Nada existe pequeno no Universo !
Tudo, em si mesmo, é grande e superior :
Urano a resplender no éter imerso,
Ou tua alma, teu sonho e tua dor.

Habitua teus olhos de inconverso
A ver, em cada cousa, o seu valor,
E descobrir, num átomo disperso,
Um Ser que não se pode decompôr.

Então, volta êsses olhos mais videntes
Para o mundo infinito oculto em ti :
Zodíacos, crepúsculos, torrentes.

E ergue-te á Vida interna a que me ergui,
Amando os teus pecados mais pungentes,
Com fúria, com fervor, com frenesi.

A CONFIANÇA

Cheio da grande luz que é meu sonho sereno,
Sentindo arfar, em mim, um vulcão que ha de vir,
Espero ; esqueço a dor em que—homem—vivo e peno.
Em meu céu interior brilha, acêsa, Altair.

Linguagem da renúncia e do ermo eu te condeno.
És a ruina do mundo, inércia de faquir !
Que a maior emoção do ser fraco e pequeno
É aspirar, com firmeza, á gloria de subir.

Sejamos, no destino, um braço que não cansa,
Alma que quer andar, força que quer vencer,
Propulsores de naus, azas de azenha mansa . . .

E animemos, no impulso heroico do dever,
A coragem vencida, a abalada confiança
De todos os que estão cansados de sofrer.

A FATALIDADE

Querer ser bom, querer ser santo, querer tudo
Quanto possa expandir o Bem e obstar-se ao Mal...
E sentir, dentro em nós, um monstro abstrato e mudo,
Que da ação nobre faz uma ação imoral !...

O' irreduzível *karma* ! Em vão, confiante, estudo
A frequência e o valor do ritmo espiritual.
De que serve, no instinto, o titanismo agudo,
Si a alma tem de evolver como evolve o cristal !

Homem ! Si vem contigo uma sina nefasta,
Em vão lutas, assim, por subir e crescer...
Do caminho do Bem a mão negra te afasta.

Pois, mau grado a consciência e a pressão do dever,
A dor te atrai, o amor te inpele, o ódio te arrasta,
A seres o homem mau que não querias ser.

A RELIGIÃO

Quando o rumor da lufa-lufa humana
Cessa e as estrelas andam no ar, serenas,
Nessa remota e muda caravana
Gozo o prazer de abrir—pássaro—as penas.

Meu ser finito ao ser sem fim se irmana ;
Sou beija-flor nesse horto de açucenas...
Vejo Sírius queimar e ao caos, insana,
Erguer, em fogo, as múltiplas antenas.

Meço a curva do mundo ; sinto-lhe a alma ;
Deus me fala : é a poesia do infinito !
Minha tortura de homem bom se acalma...

E eu rezo o meu bendito íntimo, em verso,
Diante do altar do céu, sem fé, sem rito,
No templo silencioso do Universo.

A FORTALEZA

No mais forte das tuas amarguras,
Quanto mais a aflição na alma te doer,
Torna as tuas defêsas mais seguras,
Mais certa a resistência do teu ser.

Sozinho, prêso ás atrações obscuras
Que te arrastam á inglória de morrer,
Põe-te acima das tuas desventuras
E luta, por capricho ou por dever !

Vê como é digna Antares, sem abrigo,
Dentro do vácuo frio a fulgurar !...
Não aceites, humilde, o teu castigo.

Pois, nessa resistência milenar,
E' que se acha o protesto mais antigo
Contra a fatalidade de penar.

O HINO

Vão-se despetalando, em chuvas de ouro,
Os florões amarelos das acácias.
Fulge, em minha alma, um raio duradouro
E enche-a de luzes, frémidos e audácias.

Ouçõ canções... Um chio de besouro
Acorda, em mim, surprêsas e falácias...
A coruja repete o seu agouro
E a quaresma abre as pétalas violácias.

Então, na imensa nave onde oro e canto,
Rompem glórias, hosanas, sinfonias,
Salmos, Te-Deums !—meu preito, meu espanto—!

E' o hino que te oferto, ó Natureza,
Gravando, em tuas músicas bravias,
Minha frase de sonho e de incerteza.

A GRAÇA

Sobre um penedo ruvinhoso e rude
Nace um lírio. Ha um rumor de vida em tórno.
Penedo—és tu o emblema da virtude !
Lírio, és a graça—o tom e a luz do adôrno !

Que valeis Alpes ?—pedra, gelo, alude...
Que valeis Hecla ?—forja, frágua, forno...
Sem o *edelweis* que a morte—ingênuo—ilude ?...
Sem as névoas a ondear—silfos—no ar morno ?

Na caça das paixões a graça é o fio
Com que o amor vai tecendo a sua teia :
Riso audaz, passo inquieto, olhar macio...

Argúcia da beleza, arma da feura,
Graça ! o teu brilho efémero incandeia
A borboleta humana mais segura.

O DEVANEIO

Viver em sete mundos cor de rosa
—Fada—habitar sete palácios de ouro
E' o maior bem, é o sonho duradouro
De muita cabecinha vaporosa.

Alma de abelha, instinto de besouro,
Anda entre flores e, anjo-poeta, goza,
Da esplanada de alguma nebulosa,
A visão do Universo imorredouro.

O' crâniosinhos cheios de hidrogênio,
Corpos sem pêso, espíritos de Urano,
Como invejo o condão do vosso gênio.

Sim ! Dos torreões de onde fitais a lua
Não percebeis o despêro humano
Que, sôbre a Terra inteira, tumultua.

O SORRISO

Modo de dizer muito, mais depressa,
O sorriso é o telégrafo sem fio
Com que a alma enamorada se confessa,
Ou provoca, de longe, o amor tardio.

Sorriso é paina a abrir, floco macio
De *sins* a voar, ao menos de promessa ;
A's vezes, quase rir, nêle ha um cicio
Que não se ouve e é talvez dor que começa.

Na minha placidez de semi-morto
Foi teu sorriso—chuva de janeiro—
Que fez brotar heliantos no meu horto.

O' ! bendito o sorriso feminino
Que acendeu, como um súbito luzeiro,
Tantos focos de luz no meu destino !

A MEIGUICE

Quando a baunilha o tronco do amarelo,
Em ziguezagues e hélices, abraça,
Não vos parece o símbolo singelo
Da meiguice : a bondade unida á graça ?

—Meiguice—a juriti, toda disvélo
Com o bico as penas ao amigo esgaça.
Contra meiguice, esperto, me acautelo.
Que meiguice é veneno, anzol, negaça.

A flor que a namorada prende á blusa
E' meiguice de amor ; a alma contrita
Põe, na prece, meiguice, isto é, piedade.

E na hora do adeus, lenta e confusa,
Esse lencinho que ela, arfando, agita
E' a primeira meiguice da saudade !

O ABRAÇO

Ao chegar... ao partir... acolhimento,
Traição, uso, paixão secreta e ávara,
Tudo finge êsse gesto ansiado ou lento,
Finge ou diz—frase muda—em frase clara.

Abraço ! quanta vez és sofrimento,
Consôlo de quem quer beijar e para
E teme, e não se atreve ao bem violento,
E disfarça a ilusão do que sonhara !

Quanta vez ha uma súplica inexpressa
Nêsse braço que aperta um corpo amigo
E nêsse apêrto, aflito, se confessa !

E quantos braços que se estiram loucos
Para alguém e percebem, sós consigo,
Que êsse alguém que êles querem foge aos poucos !

A POESIA

Poesia é um balãozinho azul celeste
Cheio de um gas levíssimo—a ilusão—
Chama-se—fôrma—a rede que o reveste,
—Poetas—os doidos que na barca estão.

Bando de aves cantoras que ao nordeste,
Sem destino—aves-versos—vem e vão...
Ouro e verniz das azas do bupreste !
Poesia—iris das bolhas de sabão !...

Poesia é o velho idioma dos amantes :
Lazo de fita, lenço, carta, flor...
Luz que põe nas pupilas dois mirantes !

Salva-vidas dos naufragos da dor !
Poesia é a lente e o nível dos sextantes
Com que se toma a altura ao Sol-Amor...

O AMOR

Amor ! Amor ! No róseo calendário
Do coração o Amor vem todo o dia.
A Santo Amor eu rezo o meu rosário
Com tres credos : Leonor, Carmen, Sofia.

Amor é todo o meu abecedário,
Minha cartilha, minha livraria...
Amor—Larousse é o grande dicionário
Onde aprendi o que antes não sabia.

Amor—minha dispensa e minha adega
De onde tiro, contente, o pão e o vinho...
Amor que a fome e a sêde me sossega !

Amor—caixinha dos meus tres desejos—
Album de seda, com debrum de arminho,
Que encho com a minha coleção de beijos...

O BEIJO

Beijo é uma bolha quente, deprendida
Da retorta do peito, de onde o Amor
—Velho químico—extrai o éter da vida,
Distilando o prazer junto com a dor.

Quem, na caça á ave arisca, hoje duvida
De êsse visgo, em seus laços flúidos, pôr ?
Beijo—cantiga que, uma vez ouvida,
Deixa sempre saudades do cantor !

Quando o Amor—músico hábil—executa,
Em sua orquestra, os hinos da paixão,
E' um beijo a nota longa da tenuta.

—Arrulho dos sabiás que na alma estão—
Beijos meus, ide á que vos ama e escuta,
Pombos-correios do meu coração.

O CORAÇÃO

Amor é um cavaleiro sem destino,
Errante salteador sem lei, nem lar.
Coração é o corcel dêsse beduino
Nos desertos do peito a galopar.

—Argos que vai atrás do velocino—
Coração ! vais o sonho conquistar ?
Ou serás, acolchoado em crepe, um sino
Que bate, bate, sem poder resoar ?

Quando a mágua arde os olhos e a alma inflama,
E' o coração—açude e irrigador—
Quem a água sã das lágrimas derrama:

Coração, no teu fado de motor,
Como podes, num seio que não ama,
Funcionar sem pressão e sem calor ?

A ILUSÃO

Quem não viu, vicejando nalgum rio,
A flor roxo-esbatido da aguapé ?
Flor-Ilusão, mal crece a agua do estio,
Vai, rio abaixo, atónita do que é.

Quantos decem, num ímpeto doentio,
Atrás da flor quase fanada, e até
No alto mar, por vontade ou desvario,
Sossobram aos rebôjos da maré !...

Ilusão ! Pelos fogos de artifício
Que acendes em-cada ângulo visual,
E's como o nosso agouro vitalício...

Mas tens um dom de magnetismo tal,
Que, por ti, toda a dor do sacrifício
E' uma serena dor que não faz mal !...

A PERFÍDIA

A flor da sapucaia, tão singela,
Feita de duas válvulas franjadas,
Prêsas ao galho pela mesma ourela,
E' a mais pérfida flor dessas quebradas,

Flor de um roxo hesitante e um branco aureo, ela
Atrai o inseto; e o inseto, emaranhadas
Pernas e azas, nas franjas se enovela,
Luta, fecunda a flor... morre, ás guinadas.

Tu—Flor de árvore humana—me mostraste,
Sob as franjas das pálpebras doentias,
O nectário de uns olhos promissores...

Prendi-me nos teus cílios e, ó contraste,
Tu me matas com tuas zombarias,
Depois que te exaltei com minhas dores.

OS PÁSSAROS

Na floresta encantada em que descanso,
Medito. Aves cantoras vão saindo
Do meu cérebro e alegam meu remanso,
Entoando o hino da Vida, sempre lindo.

Vôam, saltam nos ramos, vem de manso
Pousar na minha mão, e eu, que deslindo
Lemas transcendentais que não alcanço,
Dou meu martírio humano por bemvindo.

É que, embora entre dúvidas e máguas,
Perseguindo as idéas desertoras
Por grotões, tremedais, montanhas, águas,

Levo comigo, aos ermos mais tristonhos,
O viveiro que eu sou de aves cantoras,
Cantadeiras felizes dos meus sonhos.

A GURIATÃ

Dentro do coração, gaiola viva,
Pús um dia esta inquieta guriatã
E ela, antes livre e agora ave cativa,
Gorgeou, gorgeou, como ave alegre e sã.

Mas um dia, de tão bregeira e altiva,
Tocada da tristeza incauta e vã,
Como fecha a folhinha a sensitiva,
Não cantou mais cantigas da manhã.

E hoje, toda arrepiada e taciturna,
Tão triste em seu poleiro de ouro fino,
De longe em longe pia devagar.

Pia, enchendo de angústia a aura noturna,
Como si á porta azuí do meu destino
Estivesse uma Sombra a soluçar.

A GALERA

Mar alto !—Mastros no ar e velas pandas—
A galera veloz rompe a água densa ;
Rompe a água negra ao sôpro de auras brandas,
Sem promessas de lucro ou recompensa.

“Galera que, no hôrro das Trevas, andas
No dorso do Mar Trágico suspensa,
Leva, leva as relíquias venerandas
De tudo o que foi santo em minha Crença !”

E ela, opondo ao mar grôso os bordos pretos,
Vai, sinistra, ao sabor das tempestades,
Levando imagens, óleos e amuletos.

Leva toda a minha alma antiga e bôa,
Que vai chorando, entre ânsias e saudades,
Para um destino que ela amaldiçôa.

O RIO

Num país sem limite e sem fronteira,
Um rio de águas pretas vai correndo.
Vejo-o correr, sinistro, a vida inteira,
Vales afora, num rumor tremendo.

Crânios, penachos, elmos sem cimeira,
Cruzes e sinos, num tinir horrendo,
Mastros e tórres—na fatal carreira,
Ao Grande Oceano escuro vão volvendo.

Canta, na solidão, a luz do estio...
E, á luz viva, brandões, tábias e espadas
Fulgem, rolando, num clarão sombrio !

Fulgem, lembrando glórias e amarguras...
E eu vejo, entre essas ruínas arrastadas,
Meus arrulhos de amor e as tuas juras.

O SACRIFÍCIO

Para animar tua paixão medrosa
Deitei meu coração nesta fogueira.
Saiu dela uma chama cor de rosa,
Que ha de aquecer-te o corpo a vida inteira.

Vê ! consome-se a lenha resinosa ;
Meu coração se torna em cinza e poeira ;
Mas, queimando, sofrendo, exulta e goza,
Que pouco aflige a mágua interesseira.

Antiste de mim mesmo, saerifico
Meu ser á tua quase indiferença ;
Vencerei teu rigor de anjo pudico.

E, assim, serei violentamente amado,
Que o fumo que te envolve em si condensa
Todas as tentações do meu pecado.

O INCÊNDIO

Na noite escura e vã dorme a cidade !
Súbito, para os lados do nascente,
Um fumo, um fogo, um fagulhar crescente
Casas, templos, palácios, cerca e invade.

Sopra o nordeste morno ; o ar, rubro e quente,
Se dilata e se acende em claridade...
Glória á chama ! que embora se degrade,
Teve ânsias de subir violentamente.

Ruem pontes ! Ha brados e alaridos !
Ouço um fragor de desmoronamento ;
Vejo as brasas dos tetos incendiados.

Cidade que fundei e onde reinava !
Sois a ruina, em virtude e pensamento,
De todas as grandezas que eu sonhava.

O ÓRGÃO

Em mim, calada igreja, um órgão canta :
Sons de ais perdidos, beijos mortos, gritos
De apêlo sôam pela nave santa,
Entre rogos de amor e estos aflitos.

Escuto um *De profundis* que me espanta !
O órgão soluça e, entre árias e benditos,
Um remoto alarido se levanta
Feito de ecos discordes e infinitos.

E' o clamor do que eu fui, vozes antigas
Perpetuadas em minha alma sonora,
Misto de uivos selvagens e cantigas...

São velhas convulsões da Natureza
Que em mim resurgem, sem fulgor, agora,
Em canções de alegria e de tristeza.

A CACHOEIRA

Na floresta que eu sou, de ânsias felizes,
Ouço um rolar oculto de cachoeira...
Fontes da fantasia alviçareira,
Ninguém sabe onde estão vossas matrizes !

Continuamente, sem que eu sinta ou queira,
Despenham-se essas águas genitrizes ;
Delas vem minha glória e minhas crises,
E ha de vir minha estrofe derradeira.

São pesados cachões, azuis, vermelhos,
Verdes, de espuma rôxa ou cor de rosa,
Num turbilhão de lâminas e espelhos...

E' uma cachoeira de clarões e ruidos,
A rolar na floresta silenciosa,
Que são meus sonhos inda não vividos.

O VIOLINO

Noite grande. Luar denso. Eu sou a idéa,
Estuante, que vai ser criação e albor.
Em mim fremem os ritmos da epopéa
E fala, em meu Sinai, um deus criador.

E, da noite enluarada, a voz plebéa
Das cousas não me abala em meu torpor ;
Mas, da Sombra, em doentia melopéa,
Canta um violino, arfando, a própria dor.

E eu, a Idéa que nasce, a alma que eria,
Sinto êsse choro que me aperta e implora,
Ponho essas máguas em meu coração.

A Idéa fulge aos ais dessa agonia...
Fulge, faz-se clarão, flameja, é aurora,
E' luz de pensamento e de emoção.

OS SINOS

Das torres altas, torres que não vejo,
Perdidas na neblina intransparente,
Vive a tocar, desabaladamente,
A multidão dos sinos, em festejo.

Minha alma ouve-os contrita ; ouve-os e sente
Crecer, cada vez mais, o ébrio desejo
De erguer-se em seu orgulho bemfazejo
E clamar—sino humano—a toda a gente

E êles, dobrando assim nos campanários,
São como um longo apêlo venerando
Aos meus instintos bons, estacionários.

São, nessa fúria acêsa e imprecatória,
Vozes dos Sonhos que me estão chamando
Para o grande Te-Déum da minha glória.

A CÂMARA ARDENTE

Portas abertas para a noite escura !
Na sala, onde houve orfeões e lampadários,
Em brandões taciturnos mal fulgura
A chama de seis cérios solitários.

Ninguém, aqui ; somente a Morta, pura,
Rija, numa eça preta, entre sudários,
E eu que a buscava, eu—Némrod da Ventura—,
Em todos os meus sonhos temerários.

A cera escorre, em vão, de quando em quando...
—Bandoleiras celestes, sem repouso—
As estrelas cadentes vão chispando...

E eu velo, eu só, amando, olhando a esmo
Um cadáver que eu guardo, silencioso,
Na câmara mortuária de mim mesmo.

A PORTA DE OURO

Estava eu só com minhas incertezas !
Súbito, dentro da atra noite imensa,
Entre clarões de lâmpadas acêsas
Vi uma porta de ouro no ar suspensa.

Embora afeito a todas as sorprêsas,
—Sorprêsas de quem sonha e de quem pensa—
Meu coração, batido de tristezas,
Acordou da habitual indiferença.

E gritei : “Sésamo, abre-te !” E êle, mudo,
Abriu-se para a-treva indefinida,
Onde se cria a forma real de tudo.

Vem d'aí meu estilo inquieto e sério...
E' que eu vejo, em qualquér forma de vida,
A portas de ouro e a treva do mistério.

O VULCÃO

Era um vulcão extinto, Hecla tranquilo,
Suas máguas de rocha a minerar ;
Mas, nos seus subterrâneos, em sigilo,
Se acendia uma lava milenar.

Nem um surdo rumor, nem um sibilo
De gas pela cratera circular ;
Não havia pressão capaz de aluí-lo,
Nem terremoto que o fizesse estuar.

Um dia, pela massa indiferente,
Um turbilhão elétrico passou...
Teu olhar aturdiu-me de repente !

Um braseiro de lava a alma aclarou
E assim, fez-se por ti, trágicamente,
O vulcão de desejos que hoje sou.

O RÉQUIEM

Sôa, na catedral, o réquiem triste !
E' o cantochão das almas implorantes,
Para a quais o penhor do céu consiste
No remorso de todos os instantes.

Ouvé-se a voz já trémula do antiste !
Ha, no côro, um bradar de agonizantes.
Vaidade ! Teu fulgor não sobreexiste,
Na morte, ao vão lampejo que era d'antes.

Minha alma ouve, assustada, o ofício horrendo !
Alma ! Por mais que as cousas aprofundes,
Sempre ouvirás alguém que está gemendo.

E's tu mesma, a cantar, nos teus sentidos,
O piedoso, o implacável *De profundis*
Por todos os teus sonhos já vividos.

À MINA

Meu coração continha pedras e ouro !
—Mineiro de minha Arte—entrei um dia
Nas jazidas sem luz, que em mim havia,
E onde esmeraldas e ônix entesouro.

Na escuridão, metais e pedrarias,
Sumidos em seu bruto envolvedouro,
Não brilhavam. Silêncio duradouro
Enchia os vãos daquela furna fria.

Então, de dentro, pedi luz ! Tu vieste
E derramaste, sôbre o meu tormento,
Toda a aurora do teu amor celeste...

E a mina iluminou-se num momento,
Transformando os clarões que tu lhe deste,
Em riquezas de sonho e pensamento.

O LAMPADÁRIO

No meu futuro ha alguma cousa grande,
Algum. segrêdo que não posso ver.
Floresta do destino, Broceliande,
Acrópole do Sonho ou Belveder.

Alguma força me compele a que ande
Pelos trilhos de ferro do dever.
Ha um deus que em mim desperta, em mim se expande,
E me revela a urgência de viver.

Sentindo êste fatal determinismo
Que me chama ao Segrêdo Luminoso,
Fecho os olhos ao mundo e quieto cismo.

Vejo então, no torpor do meu repouso,
Clarear, longe, na treva hiante do abismo,
Um velho lampadário misterioso...

A FONTE

Entre rochedos ásperos e brutos
Encontrei, por acaso, esta nacente ;
Veio, por longas fendas e condutos,
Rebentar nesta pedra dura e quente.

E eu, que vivo a buscar águas e frutos,
Bebi desta água pura, ávidamente.
Bebi e eis que, em meus olhos sempre enxutos,
Senti lágrimas frias de repente.

E vi, da fonte em que eu bebera o Engano,
Jorrar luz, chorões, chispas e chamas...
A Hipocrene fatal me fez humano...

Fonte do Amor !, Bebi tua água pura !
E agora, coração, agora que amas,
Começa a tua vida de amargura.

A ORAÇÃO

Para rezar fiz meu altar votivo ;
Acendi velas, pús na brasa o incenso,
E, crente nas promessas de que vivo,
Dos teus olhos sensuais fiquei suspenso.

E—mago—em meu repouso evocativo,
Vendo que eras a luz de quanto penso,
Achei, nos meus benditos, o incentivo
Para êste sacerdócio obscuro e intenso.

E tu, do trono azul em que eu te erguera,
Sorraste ; eras a Virgem do Pecado
Nessa aparência morta de ouro e cera.

Consumiram-se as velas lentamente,
Mas, no meu coração resucitado,
Acendeu-se um luzeiro permanente.

O SOLAR

Salas amplas ! Ha luz de grandes lampadários ;
Mas, em tudo, um palor, névoa triste, penumbra.
Brilham ouro e cristais e de prismas-velários
Todá a gama da cor—faixas e iris—resumbra.

Ha alfaias, tronos reais, sala de armas, sacrários...
Na treva circunstante o palácio deslumbra !
Mas, num quarto, ao clarão de círios funerários,
Minha alma de vidente, eças e opas vislumbra.

E sonhos e obsessões e idéas e desejos
E desgostos e a ronda imensa de ánsias vivas
Movem-se acêsamente, em vórtices e voejos.

E atenta, a ver e ouvir todo êsse inquieto mundo,
Minha razão, que apreende écos e perspectivas,
Procura, duvidosa, o Segrêdo profundo !

A VAIÁ

“Mundos ! Sou poeta, sou criador de mundos,
Tiro, ao Nada, o Universo da Beleza !
A cada Sol que faço prendo, acêsa,
Uma grinalda de orbes vagabundos.

Sou Deus -!”... Disse isso, e logo a Natureza,
Revoltada em seus brios mais profundos,
—Ela eterna e eu mortal em meus segundos—
Agitou-se de cólera e surprêsa.

Então, flores e pedras, nuvens e astros,
Mares, montanhas, bronzes, alabastros,
Seres que proclamei e ergui no Verso...

Tudo rompeu numa algazarra infrene,
Assoviando, apupando o deus sólene,
Que pretende construir outro Universo.

OS FANTASMAS

Num teso de colina a casa amiga,
Deserta, surge ao luar. Ninguém nêste ermo.
Elatros luzem voando sôbre a urtiga ;
Passa a ronda dos sóis no céu sem termo.

“Triste amor !... Quem nesta hora de fadiga
Poderia, aqui mesmo, reviver-m’o ?”
Digo isso e logo um raio me fustiga
—Raio de luz interna—o olhar enfermo.

Então, sôbre a colina, em tôrno á casa,
Figuras longas, diáfanas, sisudas,
Vejo sair da herva húmida e rasa.

Movem-se, tristes, na penumbra calma,
E eu reconheço, nessas sombras mudas,
As saudades que eu erio dentro da alma.

A NUVÉM

Alva, suspensa no ar, flutuando atoa,
No efémero equilíbrio da água inerté
Ela—fumaça—aos poucos se converte
Em ruina... em ponte... em cúspide... em corôa.

Extasio-me em vê-la... ela revôa...
Mas, quando menos minha vista o adverte,
Parando as mutações, ei-la, solerte,
Que, em pleno azul, tenuíssima, se escôa.

Fecho os olhos aflitos... vejo-a, agora,
No outro azul de minha alma, á luz da aurora,
A variar ilusões, crenças e mitos.

Extasio-me ainda... ela se esgarça...
E, de repente, se desmancha, esparsa,
Nos longes dos meus sonhos infinitos.

O VENENO

Amor ! Profundo além ! Profundo assombro !
Profunda convulsão ! Amar ! Decer !
Decer á luz do mundo, ao torvo esombro
De almas e formas sem missão, sem Ser:

De flores mortas meu caminho alfombro ;
Cultivo flores que hão de em mim morrer.
Amor, jardim sumido, ária que ensombro
Com os desgostos do sonho e do prazer.

Na corrente em que bebo a água divina,
A água da grande mágua superior,
Ha gotas que envenenam minha sina.

Ai ! gota de éter e morfina—Amor !—
Sinto-te em minha angústia masculina,
Como a melhór canção da minha dor.

A CARRUAGEM

Aurora ! A' beira mar escuto o evoé das ondas !
No silêncio feliz aclamo a luz que vem.
Surgem, na aba dos céus, Alhambras e Golcondas ;
Mas, meus olhos mortais nelas não vêm ninguém.

Vêm, somente, crescer, entre as nuvens redondas,
Um carro de ouro e, arreado, inquieto, um palafrém.
Corpos flúidos, vagando em misteriosas rondas,
Lembram damas feudais e palácios de além.

E eis que, do carro de ouro, uma mulher me chama !
Vejo-lhe a mão... acena, acena... acena em vão...
Sobre o mar vai triunfando a luz de flama em flama.

Móve-se o carro... segue o palafrém loção...
E eu fico, homem sem fé, perjuro á sua dama,
No indiferente horror da minha solidão !

O FILTRO

Como Tristão e Isolda, ambos bebemos
O filtro dêste amor de vida e morte...
Êle nós deu, a ti, fraca, e a mim, forte,
A mesma exaltação dos fins supremos

Entre nós dois ergueu a dura sorte
Serras, mares, dragões e Polifemos ;
E eu não vejo a galera de áureos remos,
Que para a tua ilha me transporte.

Mas o filtro divino em nós atua...
Por êle hei de ir, miraculosamente,
Buscar-te, Isolda, na fatal falua...

Buscar-te para a morte prometida,
Vingando, nêsse instante transcendente,
A desgraça de toda a nossa vida !

AS LEMBRANÇAS

I

Riachão ! Remiro o engenho hoje parado
E a *casa grande* junto á capelinha,
O alambique, o curral, a água, o cercado,
Quase tudo o que outrora me entretinha.

Quase tudo ! Não vejo mais o gado,
O bambuzal, a casa de farinha...
Não sinto agora o cheiro do melado ;
A bica d'água em vão corre sozinha.

Foram-se cambiteiros, fôrmas, cana...
Crece o capim na antiga bagaceira,
O Gongó mal nas pedras espadana.

Ouçõ o rumor soturno da banheira,
E sinto a minha vida, a vida humana,
A fugir-me, a fugir-me sem que eu queira...

II

Mundaú ! Eis a ponte de madeira
E os pés-de cana fístula na estrada,
O rio tardo, os mulungús á beira ;
Sob a ponte moreegos em revoada.

Toda a várzea, ao cair da tarde, cheira.
Chiam carros ao longe... A casa amada
Espera-me e a igrejinha, sobranceira,
Surge branca na luz que se degrada.

O cavalo vai sôfrego e eu sonhando :
A arapuca, os sanhaços, a almanjarra,
Coisas de um tempo de nem sei mais quando.

Agora o pé do oiti, meu velho amigo,
Chorando, junto á uzina a que se agarra,
As horas idas que viveu comigo !

III

Meus bois ! Meus amiguinhos dos doze anos :
Dansante, Az de ouro, Aruá, Sertão, Pilar,
Fidalgo, amigos meus, meus quãse manos,
Lembrando-me de vós fico a pensar.

A' tarde, vínheis vós mugindo, ufanos,
Escarvando na terra, devagar ;
E eu, livre de obsessões e desenganos,
Corria doido por vos ver brigar.

Como era belo Sabichão no coice,
Vastando a carro picadeiro acima...
Que humilde era Bargado no cambão !

Toda essa quadra de folguedo foi-se...
E hoje, quando o meu tédio vos anima,
Sois apenas saudades que se vão !

IV

Quando voltei, era a vapor o engenho,
Nem sombra da almanjarra onde brincara ;
As quatro azas de pau e o som roufenho
Do eixo roliço prêso á moenda avara.

Trepado no varal, com quanto empenho
Eu tangia os cavalos : eia !... para !...
De todas as lembranças que retenho
Esta é a recordação talvez mais cara.

Estalava o chicote de ponteira,
Saltava da almanjarra em movimento
E tornava a subir... a tarde inteira.

O' folguedo saudoso dos sete anos !
Meus pobres animais, como lamento
Ter conhecido os homens, deshumanos !

O RECEIO

Penso no que virá depois da morte !
Espírito ? Algum Céu ? Reincarnações ?
Parece haver um senso bom na Sorte
E um fim qualquér nas minhas concepções.

Haverá mão de deus que me transporte
Entre incertezas e facinações ?
Ou serei, Mágua !—eu mesmo—o meu suporte
Nos contínuos vexames que me impões ?

Sinto a marcha da Terra exausta e fútil,
E escuto a queixa vã, talvez inútil,
De todos nós por termos fins mortais.

E tremo de supôr que tudo engana,
Que é simples acidente a vida humana
E triste acaso o horror de tantos ais.

A IMORTALIDADE

Tudo vai para um fim ! Almas, astros, minérios,
No mesmo turbilhão rolam para o não-ser.
Repouso ! E's a equação de todos os mistérios :
Luz que acende, íman que une, amor que faz sofrer.

São quedas para a inércia os lampejos sidérios
É anseio de equilíbrio a renúncia ou o prazer.
Terras, corpos, torreões, Kremlins, sóis, hemisférios,
Heis de ruir no Silêncio e sós... tristes... morrer.

E no Fim, tu somente, Espírito divino,
Tu, Poeta, has de ficar, na Treva circunstante,
Cantando, em pensamento, o Sonho que findou.

É a bradar e a gemer, nos ritmos do teu Hino,
Eu também vibrarei, alma eterna, um instante,
Na saudade imortal do pecador que sou.

AÇÃO

A AÇÃO

I

Para viver, agir. Ser corpo que se move
E alma que quer ; pensar, saber, combater, criar.
Organismo, absorver tudo quanto renové,
Na minha carne sã, meu sangue milenar.

No sarmento que brota ou na nuvem que chove
Ha o esforço de um ser estrangido a lutar.
Paulo Affonso ! a explosão do seu salto comove
Os penedos sem voz e as árvores sem lar.

Sim, agir ! Ser vidente, herói, mártir, messias ;
Dar um fim superior ao que a alma sofre ou goza ;
Embriagar-nos de amor, de glória, de prazer...

Sim, para antiquilar nossas visões doentias,
E tornar mais violenta ou menos dolorosa
Esta fatalidade humana de viver.

II

Para elevar-se ágir !—Homem—ser alma em febre,
—Povo—ser ambição, ter um culto : o labor ;
Ser pulso que suspenda, hinário que celebre,
Vontade onipotente e espírito criador.

Sê, tu mesmo, o arquiteto e o rei do teu casebre !
Faze um céu, sê o antiste, o poeta, o anjo, o Senhor.
Humilde, ama a acensão, sê nau que não se quebre,
Gameleira afrontando o vento destruidor.

No mundo ha forças ! Tu, somente, és ser que pensa !
Guia os homens, tu que és—luz da luz—a Razão.
Foge ao tédio, á renúncia, á inércia, á indiferença.

Para elevar-se, ter alma sã, corpo são ;
Querer viver na Terra a vida mais intensa
E ser, em tudo, a força, a alegria, a paixão.

O ESPÍRITO

Mens sana...

Cultivo o meu espírito violento
Para as rudés batalhas que hei de dar.
Eu, guerreiro do livre pensamento,
Desejo ser espírito exemplar.

Leio, observo, reflito, experimento,
Passo horas a inventar e a calcular ;
Estudo a natureza e busco, atento,
A língua pura e a forma lapidar.

Para a renovação que ora promovo
Hei de ser previsão no que fizér,
Visionário, rebelde, ousado e novo.

Sou guia ! E, na exação do meu mistér,
Devo ser forte espírito entre o povo,
Sem uma só vacilação siquer.

A ÍNDOLE

Toda a revolução lateja em mim !
Sou a Revolução que irrompe agora !
—Porta-Bandeira—ouço bater a Hora,
E arrasto as massas para um grande fim.

Amo o herói que se opõe ; beijo Caim.
Sou Lúcifer ; sou brasa de uma Aurora !
Queimo templos, pois sei que se elabora
A vasta construção para que vim.

Sou o David da Razão—guio cantando ;
Vou, por ordem suprema, com meu bando,
Procurar, noutro oceano, a nova Ofir.

Sou o eixo de um motor rijo e convulso ;
Sinto mover-me o formidando impulso
De Alguém a que não posso resistir.

O CORPO

...in corpore sano.

Exercito meu corpo diariamente ;
Quero tê-lo sadio, ágil e forte ;
Quero ser domador, guia, vidente,
Eu mesmo o autor, o deus da minha sorte.

Preciso ter um braço onipotente
Para erguer o espadão de duplo corte !
Eu,—Sansão—defensor da minha gente,
Devo ser bom guerreiro antes da morte.

Meu fim é ser exemplo, é ser modêlo,
Ser energia que dispersa e reúne,
Não sentir, no meu sonho, pesadelo.

Quero ser animal digno da vida,
Que a Natureza—a minha Mestra—pune,
Com quedas da alma, a carne deprimida.

A DIVISA

Sursum ! Minha divisa é : *para cima* .
Tenho sêde das glórias superiores,
Dos trabalhos que o vulgo não estima
E dão horas de alento ás minhas dores.

Para tudo o que os nossos dons sublima
Tenho aplausos e votos promissores.
Meu sonho é realizar uma obra-prima.,
Invejo a envergadura dos condores.

Subir mais, sempre mais !... Levar de rastros
A multidão ignara e sem virtude...
Sentir, em tórno, o giro e a luz dos astros !

Ir além ! Ir a um céu que não prevemos,
Ao Silêncio, ao Repouso, á Solitude,
A' Esecuridão dos círculos supremos !

À INFLUÊNCIA

Hier sind die starken Wurzeln deiner Kraft
(Schiller—Wilhelm Tell)

Tu que me lês has de sentir o abalo,
A força do meu braço condutor,
Has de ouvir voz de deus em quanto falo
E o protesto dos bons no meu clamor.

Hão de assombrar-te os dogmas que assinalo,
As transfigurações do meu Tabor :
Arco-iris, manhãs de ouro, um poente, um halo,
Todas as mutações que eu sei compôr.

Então, fremendo á influência do meu canto,
Erguerás teu espírito abatido
E quererás viver, subir, lutar !

Quererás ver o mundo que levanto,
Ser prodígio, ser raio, ser bramido,
Ser a voz de Isaias, secular !

OS FILHOS

Sinto, junto aos meus filhos, o alto orgulho
Do animal que procria e faz viver.
Ofego como o pôtro,—pombo—arrulho,
Sei, como êles, honrar o meu prazer.

Superior no silêncio ou no barulho,
Gozo os surtos da vida até morrer.
Sou águia e vôo, sou *goeland*, mergulho...
Expando, em filhos sãos, meu próprio ser...

Hei de vê-los, saídos de hartos flancos,
Bons modelos da raça brasileira,
Frutos primaveris do meu pomar.

Hão de ter meus denodos, meus arrancos,
A altivez florestal da gameleira,
E a revolta indomável do jaguar.

O SURTO

Montes da minha Terra ! eu sou vosso e vos amo,
Eu que tenho a virtude e a constância de amar.
Sou fragor de cachoeira e voz de gaturamo
No louvor dos teus dons, ó Terra singular !

Filho da Mantiqueira, em tudo o que declamo
Ha excessos de alcantis, arrancos de jaguar ;
Que a ave, embora emplumada á sombra de outro ramo,
Sempre diz de onde vem no modo de cantar.

Alí, em meu destino, o alcandor da Montanha
A' veemencia do Mar ! Tenho a alma do Brasil ;
Mas amo a terra alheia e abraço a gente estranha.

Sou a arceira das chãs florindo ao sol de Abril,
E a confiança em mim mesmo e em meu povo é tamanha
Que eu canto, desde agora, o seu surto viril !

O CAMINHO

Senti que êsse era o rumo e importava segui-lo...
Mas, ao mover meu corpo e minha alma onde ha luzés,
Vi que, para cumprir a missão em sigilo,
Tinha de afrontar leis, multidões e arcabuzes.

Brilharam, maus, na treva, olhares noctiluzes !
Creceu a minha dor ! No silêncio intranquilo
Ouvi sons de clarins, alármas, trons de obuzes ;
E eu só, no campo atroz, sem armas, sem asilo.

E vi, ao resplendor da metralha flamante,
Trincheiras a assaltar, fortes, fossos e farpas,
Montanhas e alcantis ! E reuei nêsse instante...

Mas alguém, uma voz que eu amo, de mansinho
Me disse : "O teu vigor vence gládios e escarpas,
Exércitos e reis ; segue, pois, teu caminho".

A MISSÃO

Meu caminho é viajar de sul a norte,
Do Uruguai ao Parú, do Acre ao Tieté,
Mostrando ao povo inculto e vão, mas forte,
A grandeza e a miséria do que êle é.

Para infundir, nessa alma ampla, o transporte
Que em minha alma é clamor da nova fé !
Para arranca-lo á exploração e á sorte
Que o reduzem a párias e a ralé !

Para dar-lhe consciência do destino,
Apurar-lhe a emoção, abrir-lhe a idéa,
Orientar-lhe o trabalho, o estudo, a ação.

Pôr-lhe, no ser obscuro, o afan divino,
Que lhe vai acender, na alma plebéa,
A glória de fazer uma nação.

A NAÇÃO

Das guerras em que o mundo se encarniça,
Povo, não haja mais nenhum recôrdo.
Tua terra quer paz, arfa ao transbôrbo
Das riquezas que tem, raça mestiça !

Faze a nação onde a lei seja o acôrdo,
Sem prisões, sem governos, sem justiça ;
Onde possa ser grande a alma insubmissa,
E sem gôsto de sangue o pão que mordo.

Acende, em toda a parte, lampadários !
Extingue armas, brazões, códigos, templos,
Cria a nação feliz sem proletários.

Segue o caminho de ânsias que te aponto,
E faze, dos teus atos, tais exemplos,
Que sirvam, para sempre, de confronto.

OS DESTINOS

I

Camões ! Sou mais feliz que tu na Terra...
Viste entrar na agonia Portugal ;
Viste-o, pobre na paz, fraco na guerra,
Preparando o seu próprio funeral.

Sentiste a dor filial que mais aterra :
A decadência da nação, fatal,
Ante Espanha, ante Holanda, ante Inglaterra,
Sem tino para opôr-se a tanto mal.

Clamaste, ergueste a voz do poeta aflito
Contra a incúria, a rapina, a ofensa á lei...
Ninguém ouviu, na confusão, teu grito.

Viste a ruina de toda a tua grei,
Viste morrer, no mesmo areal maldito,
Tua pátria, teus sonhos e teu rei.

II

Eu, não ! Vejo o Brasil que surge agora.
Tenho a esperança, o estímulo, o entusiasmo
De quem ouve as pancadas da grande Hora
E arranca um povo inteiro do marasmo.

Minha pena, molhada em luz de aurora,
E' fervor, aleluia, hino, pleonasma !
Meu canto é vinho, exalta e revigora,
Transmite as visões nobres de que pasmo.

Tenho brilhos de frágua e sombras de ermo ;
Sei variar alegrias e amarguras,
Voar' de horrendos paúis a céus sem termo.

Canto a vitória, a vida, o homem que pensa,
E meus fins, ó Camões, são causas puras,
São festas de trabalho e renacença.

O GUIA

Quero abarcar, num vasto pensamento,
Tudo o que foi pensado antes de mim.
Ser a síntese, a foz, o alto argumento !
Ser a razão de tudo, eis a que vim.

Hei de traçar o rumo, eu, turbulento !
Eu—pedreiro—hei de erguer o meu Kremlin.
Tenho braço de ferro, estudo e invento ;
Sou a lâmpada viva de Aladim.

Reuni, dentro, do meu tesouro eterno,
A riqueza da Yogui é de Platão ;
Juntei-lhe todo o malestar moderno.

Tenho os dons principais da antevisão :
Previno, observo, escolho, armo, governo !...
Segui-me, ó vós que amais a Perfeição !

O LIDADOR

Sou aquele que vai de frente erguida,
Entre turbas hostis ou indiferentes,
Cheio de bençãos para os maldizentes,
Certo do que serei na minha vida.

Domador de demónios e serpentes,
Tenho a índole e as manhas do que lida.
Para o arranco final da acometida
Minhas células todas vão contentes.

Tenho alma de guerreiro e missionário,
Mãos de ferro e palavras de evangelho...
Fui herói num pasado legendário.

E, Poeta da Anarquia, anjo do povo,
Fecho as portas cardeais do templo velho
E ilumino o altar-mór do templo novo.

A GRANDEZA

Minha grandeza é ser incompreendido
Pelos que mais precisam do meu sonho ;
E' não ter confissão, seita, partido,
Ser gestor, não refém, do que proponho.

Faço de conjecturas sem sentido
Roteiros para a ação do homem tardonho.
Danso com Salomé, sofro com Dído,
Encho de hinos e dor o que componho.

Elevo' a alma a eminências tão supremas,
Que sinto os suores frios da vertigem !...
Caminho entre algarismos e problemas.

Teimo em sondar as luzes do éter morto
E vejo as mãos fatais que nos dirigem,
Insensíveis ao nosso desconforto.

OS TRES IRMÃOS

I

Meu grande irmão da América do Norte,
Walt Whitman, bem compreendo os teus arrancos !
Saimos, ambos nós, dos mesmos flancos,
Dos flancos desta América ampla e forte.

Pertencemos á máscula coorte
Dos rudes destruidores de barrancos,
Que erguem muros, frontões e plintos brancos,
Operários da Vida e anjos da Morte !

Não podemos, nesta hora magna e inquietá,
Ter o repouso alegre e a paz do Poeta :
Agita-nos a dor das grandes provas.

Somos, por isso, a voz do continente,
Marulhosa, grandiloqua, fremente,
Ajuiciadora das idéas novas.

Meu grande irmão da América do Sul,
 Almafuerte ! alma forte e marulhosa,
 Onde sombras e nuvens cor de rosa
 Mosqueavam, augurais, um céu azul.

Flor selvagem, vermelha, íris cheirosa,
 Aberta, á noite, á beira de um paul,
 Reconheço-te em mim, toco e tãful,
 Insondável no verso e heril na prosa.

Somos—cedros de púncaros distantes—
 Espíritos de audácia e solidez,
 Moradores de torres e mirantes !

Foi a América estranha que nos fez
 Assim novos, rebeldes, borbulhantes,
 Mas cheios de candura e timidez.

III

Meu grande irmão da Terra Brasileira,
Castro Alves ! em teu gênio malgrado,
Falou a mata virgem, a cachoeira,
O escravo, o São Francisco, o engenho, o gado.

Foste a voz da revolta alviçareira
Contra as dores do negro escravizado.
—Núncio da Redenção, Porta-Bandeira—
Na luta de hoje sinto-te ao meu lado !

Invôco, em meus momentos de amargura,
Teus arroubos, teus poemas, teus delírios,
E erio forças para a ação futura.

Continuo, em meus surtos sempre honestos,
A cantar, como tu, várzeas e lírios
E a bradar, contra as leis, novos protestos.

A CIDADE

Sinto a repulsa dos dominadores...
Sou novo, sou ateu, sou anarquista ;
Não sigo a mesma norma dos doutores
E ergo, acima das baías, minha vista.

Aperto, entre os meus dedos compressores,
A garganta da casta comodista ;
Anuncio outra lei e outros valores ;
Sou a palavra santa que conquista.

Vou, sozinho, arrostando o ódio dos amos...
E em pé, no topo da colina extrema,
Indico ao povo a Sião para onde vamos :

Vamos para a Cidade iluminada !
Vejo-a ao longe, a faiscar, como um diadema,
Entre a prata e os carmins da madrugada.

A DESTRUIÇÃO

Desejo ser Sansão ; novo Sansão mais forte,
Capaz de combalir a coluna inconeussa...
Destruir para reerguer ; pôr, no alfange da morte,
O signo dêste ideal que em meu ser se oura e aguça.

Destruir, a ferro e a fogo, a prostituida coorte
Que vive do labor da turba que soluça.
Sacerdotes cristãos, sou a espada da sorte
Que, sôbre a vossa cruz, afiada, se debruça !

Quando, na fúria acêsa, a Humanidade volta
A' insânia canibal, ás infâmias da guerra,
Vejo a luz carmesim raiar, ouço a Revolta.

Templo dos Filisteus ! Sansão ercee na sombra !
Has de ruir ! Has de ser, nêste abalo da Terra,
Mais uma cathedral inútil que se escombra !

A RAÇA

I

Na vastidão das selvas brasileiras,
Agrupados em tabas e nações,
Selvagens como as emas e as capoeiras,
Os índios dominavam nos sertões.

Eram tribus pequenas e guerreiras,
Isentas de políticos ladrões,
Sem dogmas, sem dinheiro, sem bandeiras,
Sem os embustes das constituições.

Tinham a valentia dos audazes,
A astúcia, o ardil, a força, o orgulho, a ira,
A maldade e a alegria de vencer.

Foram—tupis, tamoios, goitacazes—
A revolta geral contra a mentira,
Contra a opressão em nome do dever.

II

Vieram de Angola, da Guiné, do Congo,
Cativos, num porão de caravela,
Deixando os cerros livres de Benguela
Para a infâmia do tronco e do valongo.

Chefes de Loanda, príncipes de Bongo,
Gente de África, rude mas singela,
Sob 'o relho que zurze e a lei que vela,
Padeceram martírio horrendo e longo.

Negros, lavraram chãs, plantaram vales,
Cavaram minas, desbravaram eitos,
Construíram cidades e fazendas.

Provéns, Brasil, do horror de tantos males,
Do sacrifício heróico dêsses peitos,
Dessas dores passadas, mas tremendas !

III

Representavam, no Brasil recente,
A civilização continental :
A ambição, o feitor, o amo, o regente,
O colono, a milícia, o provincial.

Contra africanos e índios, duramente,
Os bárbaros cristãos de Portugal
Arremeteram num furor crescente,
Subjugando-os em nome da moral !

Foi o incêndio, a rapina, o assalto, a morte,
O tráfico, o aldeamento a sul e a norte,
Bandeiras, guerras, leis, cisas, missões,

E implantou-se o regimen dos senhores,
Dos brancos maus, dos nobres opressores,
Mais venerados quanto mais ladrões.

IV

Da fusão dessas tres raças em luta
Vai-se formando a raça do Brasil ;
Raça mestiça, analfabeta e bruta.
De corpo frágil e alma varonil.

Fez-se ao acaso, ao sol, na agua corruta
Dos pântanos, sem lar, pobre e febril,
Prêsa ao senhor da terra que a desfruta
Extorquindo-lhe o último ceutil.

Amo esta raça nova e sofredora,
Quero ser-lhe vingança e redenção,
Tirá-la da ignorância que a desdoura.

Quero vê-la alma erguida e corpo são,
Sendo, em futuro próximo, o que fôra
Sem os horrores desta escravidão !

A PREVISÃO

Terra imensa ! Não canto o que foi ; sou arauto,
Não decadência. Eu, vate, anuncio o porvir !
Sou péan, sou clarim que entusiasma ; escrevo o auto.
Da Ascensão, ó Brasil, mal surges, a subir.

—Sentinela da Glória—os meus hinários pauto,
Não pelo que hoje tens, mas pelo que ha de vir,
Que êste mar suplicante e êste solo amplo e lauto
Hão de ser Eldorado, Índia, Cólchida e Ofir.

Vejo, por todo o mar, nossas frotas latinas ;
Por todo o litoral metrópoles gigantes
E por todo o sertão lavouras colossais.

Vejo estradas, redis, estaleiros e uzinas
E êste povo a ascender da idéa iniqua de antes
Ao grande ideal da Pátria Humana, sem rivais.

A TERRA

Sou de um povo que surge e quér ser grande,
Que reúne forças, se exercita e é bom.
Minha terra é um ser vivo que se expande,
E onde cada fator nativo é um dom.

Costa, planalto, várzea, mata ou lande,
Tudo é beleza em luz, prodígio em som.
Terra—falta um Colbert que a reja e mande,
E mar—não teve ainda o seu Hanon.

Feita para grandezas e esplendores,
Entre o Atlântico e os Andes superiores,
Começa agora o ciclo da Ascensão.

Sinto-lhe a exuberância e a plenitude
Com que marcha da origem pobre e rude,
Para os dias gloriosos que virão.

O COLOSSO

Nas penumbras da Aurora—a Aurora da apoteóse—
Imenso, á beira-mar—carcassa de tritão—
O colosso resona, enquanto Êos descose,
No horizonte fremente, o auri-róseo telão.

Tremem cristais na sombra ! Há algum ser que não gose
—Alma eterna—o poder desta resurreição ?
Rios, penhas, cipoais, eis a metamorfose
De tudo o que éreis vós e não se via então.

Eia ! A' luz da Alva alêgre estende-se o colosso :
São lapas, são rincões, são coxilhas, são matas,
E' a vertigem da cor, do sol, da água, do som...

Mar azul ! Terra sã ! Povo bárbaro e moço !
Sim ! Sois vós, que sentis vossas forças inatas
Num Brasil grande e pobre, analfabeto e bom !...

A UNIÃO

Do Oceano ao Mamoré, do Chuí a Araraquara,
A mesma voz de irmãos murmura em paz : "Brasil".
E eu, poeta dêste povo, ouvindo a voz preclara,
Sinto em meu sangue o ardor da raça varonil.

Ouvi meu grito leal, donos da nova seara !
Mestiços do Cruzeiro ! amai vosso redil.
E juntos, realizando a missão digna e cara,
Honremos a arte pura e o trabalho febril.

Unidos, na intenção de uma nova éra de ouro,
Iniciemos, sem medo, o programa vindouro,
Com o orgulho do ideal e a força da razão.

Unamo-nos na paz, trovadores e obreiros,
Que a mesma voz de irmãos murmura : "Brasileiros !"
Do S. Roque ao Juruá, do Orange ao Jaguarão.

A MOCIDADE

Moços, quero, entre vós, falar á nossa Terra...
Somos sua esperança e o seu único amparo ;
Em nosso corpo e em nosso espírito se encerra
O que ela agora tem de mais certo e mais caro.

Heróis para o trabalho e inimigos da guerra,
Precisamos de paz, de esforço e de preparo !
Eia, ao mar, que nos chama, ao solo onde se enterra,
Inútil para a vida, um tesouro amplo e raro.

Gente que surge, a nós, moços, cumpre por sorte
Construir, neste recanto, outra colméa humana !
Honremos a missão, sendo povo uno e forte...

Ergamos nós, aqui, nossa própria oficina,
Que ela seja, no afan da vida americana,
Casa onde se trabalha e escola onde se ensina.

O ESTUDO

Estudar ! Aprender ! Eis o mais nobre lema !
Estudar, ser consciência, eis o nosso dever !
Para nós, cuja glória é a tarefa suprema
De explorar nossa terra e, nós mesmos, a erguer.

Sermos povo ! Ser povo é o nosso árduo problema.
E' mister, gente moça, estudar, aprender !
Estudar com furor, ser alma que se extrema
E faz do pensamento o seu maiór prazer.

Saber, para subir ! Porque nós precisamos,
Para vencer, vencer a natureza, criar,
Abrir minas, tirar pomos ricos dos ramos.

E para—anhos do bem—sermos povo exemplar,
Instituindo n Terra um govêrno sem amos,
Importa, antes de tudo, aprender ! estudar !

A EXPANSÃO

Sob o Trópico azul minha terra opulenta
Se estende á beira mar e um vasto sonho humano,
No seu crânio de pedra, ao Sol de Abril, fermenta :
O de estender-se mais, em cabos, sôbre o oceano.

E essa grande aflição entra em minha alma e a tenta.
Quero ver minha raça, ideando novo plano,
Cobrir de frotas de aço essa água turbulenta
E reviver no mar o império lusitano.

Cada bramido de onda é um apêlo ao teu brio,
Raça pobre ! Sê forte ! Arma naus, enche-as de ouro,
De frutos, dos cereais de teu solo bravio.

E espalha pelo mundo, em viagens e cruzeiros,
Êsses bens que hão de vir do teu labor vindouro
Para conforto e paz dos homens verdadeiros.

A PAZ

Desarma êsses canhões, funde as blindagens de aço !
Destrói minas, quartéis, arsenais, fortalezas ;
E no chão produtor das várzeas indefesas
Leva a charrua anciã e os bois mansos, a passo.

Deixa o clarim, esquece as rudes Marselhêsas
Onde a alma dos avós te cultivava o ódio crasso.
Homem, na avena ha um hino ; ha ritmos e compasso
De baladas no adeus das tardes camponêsas.

Guerra ! Guerra ! O estridor de metralhas e obuzes !
Todã a tua riqueza, os teus bens que esperdiças
Na meral de aversão e êrro_a que te reduces !

Paz ! Queremos o bem e a luz de outras vitórias,
O levante final das almas insubmissas
Contra pactos vilões e Ligas irrisórias !

A FROTA

Mar livre ! O vento enfuna as velas dos veleiros...
Vão á França, ao Japão, á Austrália, ao Congo, a Alaska ;
Saem, cheios de bens, dos portos brasileiros,
Alígeros na calma e afoitos na borrasca.

Transatlânticos vem, vem hiates e cargueiros,
Entram, ao norte e ao sul, rasgando a agua verdasca ;
Voltam de Hull, de Cantão, de Hamburgo, e, alviçareiros,
Andaram do Havre a Sião, do Haiti á costa basca.

E' a frota ! Arma da paz, programa do futuro !
E' o Brasil que se vai estender pela Terra,
Celeiro universal e condutor seguro.

Salve a ti, frota real ! Leva ao Perú e á China,
A' Angola e á Transcaucásia, á Birmânia e á Inglaterra,
Nossa imensa riqueza e nossa alma latina.

OS PORTOS

Portos vazios ! Onde estais, frotas da Terra ?
Frota do meu país, ninguém te ousa construir !
E o mar, na costa imensa, uivando, se descerra,
Bramando ao teu labor, mostrando o teu porvir.

Da Insulíndia a Halifax, de Suez a Finisterra
Ha caminhos de paz, ha rumos para Ofir.
Portos ! Agua parada ! Ao refterver da guerra
Não podeis, fonte vã, ser vida e progredir.

Angras fundas sem cais, baías sem veieiros !
Indigno povo o que vos tem nêsse torpor...
Como dói ver que sois os portos brasileiros !

Inertes como estais para a vida exterior,
Sem dragas, sem pontais, sem naus, sem estaleiros,
Que esperais, portos meus ?—Um homem de valor !—

OS SERINGAIS

Longe, na vastidão do Amazonas enorme,
Creeem, fartas de seiva, as héveas colossais !
Terra grande e ignorada, onde a guariba dorme
E uma raça de heróis percorre os seringais.

Florestas, rios ! Sempre o verdor uniforme
De matas e o fulgor de águas planas e iguais . . .
E ninguém que proteja essa terra e a transforme,
Fazendo-a, terra sã, produzir muito mais.

Escravo da savana, inférnado da Hiléa,
Sem destino, sem pão, sem leis, sem lar, sem trato,
Trabalha o seringueiro, estranho ao seu país.

E' o drama silencioso, a remota epopéa .
Do povo do sertão que, no Brasil ingrato,
Vive desamparado, oprimido e infeliz.

OS CANAVIAIS

Verdes, no alto ou no vale, ao sol das Alagôas,
Do norte da Baía a além de Pernambuco,
Os vastos canaviais, vigando em terras boas,
Renovam, para a moenda, o assúcar do seu suco.

Nêles cruzam-se, em faina, animais e pessoas :
O caçuso, o caboclo, o negro, o mameluco,
Bois carreando, quataus no cambito, canôas
Pelos rios, vagões, vigias de trabuco.

E ao clarão tropical das manhãs purpurinas,
Rociados, abrem no ar as folhas verde-gaio...
Canas que vão dar vida aos bangüês e ás uzinas !

E eu vejo que êsse enorme esfôrço, essa riqueza,
Êsse mundo, é criação, é o labor sem desmaio
De uma raça de heróis, doente, escrava e indefesa.

AS MINAS

Abandonadas no torrão sem lavra,
Por um povo que outr'ora as quis obter,
São pensamento que quér ser palavra,
Semente que deseja florecer.

Corpo que se entorpece ou se escalavra
No trabalho infecundo e sem prazer !
Alma que se envilece ou se azinhavra
Nas cidades, não vêm o seu dever !

Ha, no sólo que têm, fartas jazidas :
Ferro, mica, rubim, diamante, cobre,
Manganez, ametista, ouro, carvão.

São riquezas magníficas, perdidas !
Perdidas para o povo ingrato e pobre,
Que cruza os braços e se queixa em vão.

AS CACHOEIRAS

De além do Avanhandava a Paulo Affonso
De Utiariti aos saltos do Iguaçu,
Rolam, num triste e fúnebre responso...
—Vozes da terra do Caramuru—.

Rolam, clamando ao povo inerte e sonso,
Que as vê das Sete Quedas ao Xingú :
“Temos, em nós, a Força, o tear esconso,
Com que podes cobrir teu corpo nú.”

São bramidos de dínamos eternos,
Que desejam ser braço produtor
E, inúteis, passam por verões e invernos !

O', vergonha aos famintos sem pudor,
Que abandonam os úberes maternos,
Cheios de tanto leite nutridor.

A LÍNGUA

Língua em que falo e fala a minha gente,
O' tu, formosa língua portugêsa,
Branda, sonora, enérgica, imponente,
Irmã gêmea da nossa natureza !

Património do povo que presente
As glórias de um futuro a que estás presa,
Vais ser a língua deste continente...
Teus poetas vão cantar sua grandeza.

Sim ! Vão buscar, no teu vocabulário,
Todas as expressões de assombro e encanto
Que sucita êste solo extraordinário.

E amplo na prosa e sem rival no verso,
Hão de os homens sagrar-te, ó idioma santo,
Como a língua mais bela do universo !

A POESIA

Andes, Oceano Atlântico, Amazonas !
Tres Grandezas da America a exaltar.
O' ! declama, a gemer ! tu, que ambicionas
Dar ritmo e côr a tudo o que é vulgar.

Declama ! No grandioso destas zonas
Teu estilo ha de ter vozes do mar.
E's o Resonador ! Poeta, resona,
No verso eterno, um pranto milenar.

Teus versos, hão de ter o horror convulso,
A cegueira do pasmio superior !
Quero, nêles, sentir pulsar teu pulso...

Quero ver nêles, selva, água, fragor !
Quero ver tua mão, ver teu impulso,
Ver tua acêsa lágrima interior.

O PROTESTO

Protesto contra o mal da força e o da justiça :
Um degrada a fraqueza, outro excita á agressão ;
Contra a fé que reduz o homem a alma submissa,
Iludindo-o com céus que nunca se abrirão.

Clamo contra o senhor, clamo contra a cobiça,
Inventora de leis, criadora da opressão.
Sou Spártacus e odeio a pátria si esperdiça
Meu sangue e faz, do suor, esforço hostil ou vão.

Bradam, no meu protesto, os prantos do passado...
Ira acêsa de todo um mundo sofredor,
Mártir do amo, do rei, do padre, do soldado !

Sou a nova intuição contra a lei do Senhor ;
Sou a ação que destrói a moral do pecado,
Para erigir o orgulho e libertar o amor.

O AMOR LIVRE

Sob uma arvore, ao pé de um muro desgastado,
Beijam-se, amam-se... passa um farfalho na fronde
E a Natureza a olhar—seres sempre em noivado,
Livres no seu amor—em beijos lhes responde.

Livres ! Aves do bosque e insetos do valado,
Vosso amor, sendo o Amor, não diz porquê, nem onde
--Instinto--é uma aflicção;--Vida é um flúido ignorado
E, por ser amor puro, é amor que não se esconde.

Porquê só tu, na Terra, homem parvo e perverso,
Te iludes com as sangões de um deus que não existe
E te crês exceção no centro do Universo ?

Porquê fazes do Amor contrato e vilipêndio ?
Amor bento, amor pago, amor doente, amor triste,
Sem canções de arrebol e sem clarões de incêndio ?

O TRABALHO

Trabalhar é viver ! Trabalhar sem cadeias,
Para o alcance de um bem, para a glória de um fim !
Mas servir, *cleave* e escravo, ás ambições alheias,
E' ver que alguém me rouba um céu para onde vim.

A ! Cozeste o teu pão, homem bom que semeias,
E êsse pão não é teu ; vai ser de outro homem ruim.
Vais nutrir, com êsse suor que te exsudou das veias,
A boca que te suga e te aniquila assim !

Trabalhar ! Pôr na vida um sonho que me adiante,
E sentir que êsse esforço hercúleo par o obter
Move a mão que me obriga a não seguir avante.

E que êste árduo labor, sem fruto e sem prazer,
E' a força onipotente, a energia triunfante
De tudo quanto posso e não me deixam ser.

O DESAFIO

Denn die Tyrannen reichen sich die Hände
(Schiller-W. Tell)

Êrgo a cabeça altiva e vos provooco,
Burguêses, e a sorrir vos desafio !
Temeis o agoite e a luz com que vos toco,
Minha pena, meus cânticos, meu brio.

Temeis o ideal que, em vossa treva, é um foco
E um refletor de estanho luzidio ;
A alavanca fatal com que desloco
Vossa impostura e vosso poderio.

Vêde a alegria com que, no degredo,
Sinto o vosso rancor de proprietários
E observo a agitação do vosso medo.

E' que eu revolto a massa inculta e mansa,
Conclamando os eseravos proletários
Contra os vossos canhões e a vossa aliança.

A HORA

Eis a Hora, a grande hora da peleja,
Hora de sacrifícios e entusiasmo !
Pulsa meu coração, meu peito arqueja
No momento da ação reflito e pasmo.

E' a batalha final ! Torvo, troveja,
Além-mar, o canhão ; foi-se o marasmo
Da plebe una, e a revolta bemfazeja
Move espada e murrão, ódio e sarcasmo.

Levantam-se os escravos contra os amos !
Ha um clamor de vitória em toda a Terra...
Somos nós, anarquistas, que clamamos !

Nós que vamos sorrindo e subvertendo,
Arrastando os irmãos á Maior Guerra,
Num rebate de loucos, estupendo !

A BATALHA

Tenho, batalhador, minhas falanges,
Meu exército fiel—hoste sonora !
Tenho lanças, arpões, chugos, alfanges,
E espadas que floreio de hora em hora.

Vinde inimigos meus ! Tu que, mal, tanges
O verso ; tu que apoias ao que explora ;
Tu que almas simples, num altar, cõstranges
A adorar sombras fúteis ! vinde agora !

Desfarei, com a razão, vossa impostura ;
Refugarei as vossas pantomimas,
Revelarei vossa ambição impura !

Vencer-vos-ei, pedantes e perversos,
Com as trombetas marciais das minhas rimas
E os esquadrões cerrados dos meus versos.

O DELÍQUIO

Vejo, em torno, ganância e servilismo,
Almas sem compostura e sem moral ;
E eu—poeta ingénuo, anjo anarquista—cismo
Erguer uma nação nêste lamal !

Política, interesse, parceirismo,
Dominam tudo e tudo levam mal.
Ha protestos sem força nêste abismo
E nenhuma repulsa nacional.

Que fazer dessa indigna indiferença.
Dêsse delíquio, dêsse despudor,
Dessa vergonha para o que age e pensa ?

Debalde movo o braço agitador...
A inércia brasileira é muito extensa
Para um só coração batalhador !

A ANARQUIA

Para a anarquia vai a humanidade,
Que da anarquia a humanidade vem !
Vêde como êsse ideal do acôrdo invade
As classes todas pelo mundo além !

Que importa que a fração dos ricos brade
Vendo que a antiga lei não se mantém ?
Hão de ruir as muralhas da cidade,
Que não ha fortalezas contra o bem.

Façam da ação dos subversores crime,
Persigam, matem, zombem... tudo em vão...
A idéa, perseguida, é mais sublime.

Pois, nos rudes ataques á opressão,
A cada herói que morra ou desanime
Dezenas de outros bravos surgirão.

A REAÇÃO

Embora ! Hei de clamar !. Éste é o meu gôsto,
Meu pendor, meu dever, minha missão :
Levar avante a idéa que hei proposto,
Despertar êste povo inerte e vão.

Sozinho embora, alegre no meu posto,
Vou reunindo soldados para a ação.
Tenho luz de evangelho no meu rosto ;
Todos os homens bons me seguirão. !

Do cimo solitário da montanha,
Agremiando fidalgos e plebeus,
Congrego, enfim, minha falange estranha.

Falange dos meus jovens Macabeus,
Que disposta á reação já me acompanha
Contra maus, deshonestos e sandeus.

A PRISÃO

As grandes provações tornam as causas grandes !
Nada soffro ! Meu sonho ha de ser sempre o que é.
Do alto do meu Sinai fito areias e landes
E prosigo a buscar Canaan, como Josué.

Tenho orgulho, alma sã, das espadas que brandes !
Vieram todas de heróis que morreram de pé ;
E hoje, em prol do teu povo, entre o Atlântico e os Andes,
Melhór refulgirão, núncias da tua fé.

Bendita esta prisão que me anima em meu surto,
Faz desta Via-Sacra o caminho mais curto
E enfeita a minha cruz ao toque dos clarins !

Bendita a provação que me ergue aos superiores,
Justifica o meu ato, unge os meus dissabores,
E afirma, em toda a Terra, a glória dos meus fins.

A ACUSAÇÃO

Eu vos acuso, ó ricos timoratos,
Prêso, embora, por vós, sou vosso juiz.
Sou Jesús ; vós, Caifazes e Pilatos...
Diante de vós, sofrendo, sou feliz.

Expondo aos homens bons os vossos atos,
Justifico o alto aleance do que fiz.
Eu—louco—hei de julgar a vós—sensatos—
Que eu represento a nova diretriz.

Acuso as vossas leis e as vossas crenças,
Vossas praxes de roubo e usurpação :
Guerras, votos, polícias e sentenças.

Acuso o vosso espírito cristão
E essa moral de perversões intensas,
Filha do Abuso e da Contradição.

A SAUDAÇÃO

Irmãos, eu vos saúdo ! Embora presos,
Ameaçados, malditos, sem futuro,
Temos, em nossos braços indefesos,
Azas de anjo e tendões de palinuro.

Êstes focos azuis em nós acesos
—Luz da grande Cidade que procuro—
Hão de arder ante os sátrapas sorprendidos,
Quando fôr Lei o que hoje é sonho puro.

—Guerreiros da Anarquia—os sofrimentos
São para nós auréola e honra sublime,
E mais nos honram quanto mais violentos.

Tenhamos por bemvindas nossas dores,
Que a dor aos homens justos não oprime
E torna os mais humildes superiores.

25033

